



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL

**A “MARÉ É MINHA VIDA”: DESAPARECIMENTO E PERMANÊNCIA DAS
MULHERES MARISQUEIRAS DE CACHOEIRA**

ANA PAULA DE MATOS COSTA BARBOSA

CACHOEIRA-BA

2018

ANA PAULA DE MATOS COSTA BARBOSA

**A “MARÉ É MINHA VIDA”: DESAPARECIMENTO E PERMANÊNCIA DAS
MULHERES MARISQUEIRAS DE CACHOEIRA**

Trabalho monográfico de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Bacharelado em
Serviço Social da Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia - UFRB como requisito
para obtenção do grau de bacharel em Serviço
Social.

Orientador: Prof. Dr. Bruno José Rodrigues
Durães

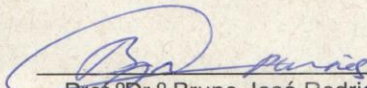
CACHOEIRA-BA

2018

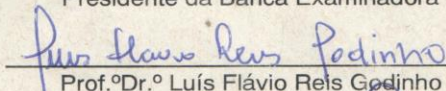


**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE AVALIAÇÃO DA DEFESA DE TRABALHO DE
CONCLUSÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA.**


Ao 30 dia do mês de agosto do ano de dois mil e dezoito, foi instalada a Banca Examinadora responsável pela avaliação da defesa do Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Serviço Social intitulado "A 'Maré é minha vida': desaparecimento e permanência das mulheres marisqueiras de Cachoeira" de autoria da discente Ana Paula de Matos Costa Barbosa, como parte dos requisitos para obtenção do Grau de Bacharel em Serviço Social. A Comissão Examinadora, composta por três membros titulares, foi presidida pelo Prof.ºDr.º Bruno José Rodrigues Durães (Orientador – UFRB) e teve como membros a Prof.ºDr.º Luís Flávio Reis Godinho (Membro Interno – UFRB) e a Prof.ª Dr.ª Rosenária Ferraz de Souza (Membro Interno – UFRB). Após a apresentação do trabalho pela discente, sucederam-se as argumentações pelos professores examinadores. A Banca Examinadora em sessão secreta emitiu o parecer nos seguintes termos: a discente Ana Paula de Matos Costa Barbosa foi considerada aprovada por ter atingido a média geral 10,0 (dez). Nada mais havendo a tratar, a Sessão Pública de Avaliação da Defesa de Trabalho de Conclusão de Curso foi dada como finalizada e Eu, Prof.ºDr.º Bruno José Rodrigues Durães, na condição de presidente desta sessão, lavrei a presente Ata que vai assinada por mim, pelos demais membros da Banca Examinadora e pela discente autora do trabalho. Cachoeira/BA, 30 de agosto de 2018.



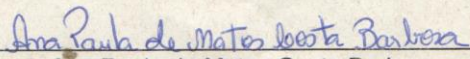
Prof.ºDr.º Bruno José Rodrigues Durães
Presidente da Banca Examinadora



Prof.ºDr.º Luís Flávio Reis Godinho
Membro da Banca Examinadora



Prof.ª Dr.ª Rosenária Ferraz de Souza
Membro da Banca Examinadora



Ana Paula de Matos Costa Barbosa
Discente

O vento, o mar, a areia, a praia
As ondas, sereia, navegando
Indo, voltando, canoa
Sereia, as ondas do mar
Pescador, tem que pescar
Areia, canoa, pescador
Tem que pescar
Como vou poder sobreviver
Se não tenho nada pra comer
Como é cruel e fria esta gente
Não será possível resistir
Se não temos nada pra vestir
Como esse povo é sofrido e carente
Pescador, tem que pescar
Pescador, tem que pescar
Areia, canoa
Sereia não me atrapalha
Filho, mãe, irmã, esposa
A família a esperar, canoa
Tem que pescar, pescador
Tem que pescar
Como vou poder sobreviver
Se não tenho nada pra comer
Como é cruel e fria esta gente
Não será possível resistir
Se não temos nada pra vestir
Como esse povo é sofrido e carente
Sereia, o sol
O vento, o mar, navegando
Indo, voltando, canoa
O peixe, fruto do mar
Pescador, tem que pescar
Pescador, tem que pescar

Composição: Tim Maia

AGRADECIMENTOS

*“Nesse dia feliz
Eu vim te adorar, senhor.
Nesse dia de paz
Eu vim te agradecer
Pelas batalhas que eu conseguir vencer
Eu vim ,te agradecer, Senhor.”*

A Deus em primeiro lugar agradeço imensamente pelo dom da vida, e por ter me proporcionado chegar até aqui, sempre me conduzindo com as devidas lições de amor e compaixão.

Aos meus pais, José Paulo ribeiro e Tânia Régia, principais motivadores desta conquista, dois guerreiros que acreditam que vale apenas lutar pelos nossos sonhos, meus exemplos de vida. A meu esposo Renildo que neste momento tão intenso de lágrimas e de ansiedade e até mesmo a vontade de desistir, sempre permaneceu me apoiando com palavras de ânimo, e tiveram momentos que preferiu o silêncio porque já sabia que seria um momento difícil. Não posso esquecer-me do meu filho amado Patrick essa vitória é sua por quando pensava em desistir lembrava-me de você, que não poderia ter uma mãe fraca que desiste no primeiro obstáculo da vida.

A toda família, Costa e Matos, que sempre me acolheram, e sempre se prontificaram a me ajudar em qualquer coisa que eu precisasse. Aos tios e tias em especial tia Maroca, Dadá e tia Branca, sempre foram referências de mulheres para mim, mulheres que sempre se dedicaram a fazer o bem aos seus familiares sem nada em troca, apenas amor e dedicação, aos meus irmãos que amo muito Paulo, Messias, a Rafaela e William, a conquista é nossa! A minha prima irmã Alana Thais que me apoiou muito e me ajudou, sem palavras para agradecer. Não posso esquecer da minha cunhada Jamile, da minha sobrinha Ailime, e todas as pessoas especiais na minha vida, primos, primas, tios e tias. Obrigada por tudo, amo vocês.

Agradeço a todos os meus amigos, irei falar nome de alguns que estiveram perto de mim neste processo. Meu amigão Ivan, que chamo de vida, um presente de Deus! Val uma pessoa maravilhosa e generosa, bondade é seu nome, a minha parceira chata Taise Amaral outro presente, a Ana Melo, Luane Brandão, Rogerio, Simone, Margareth Costa, e Bruno Solto, primeiras pessoas que me deram força para eu estudar e no início das dificuldades do trabalho facilitaram tudo, obrigada! A minha amiga de fé Neuzelia pensem em uma amiga para todas as horas. Aos amigos de longa data, e os que conquistaram durante esse percurso, os que estão por perto e vejo com frequência, como também aqueles que estão longe, tendo

anos sem vê-los, vocês fazem parte disso, obrigada por de alguma forma estar presentes nesta jornada, sempre me apoiando, mesmo nas dificuldades, sempre dando aquele incentivo, aquele empurrãozinho para que eu subisse mais um degrau dessa vida..

A Igreja Batista Missionária, outra família que recebi. Aos meus pastores Edson, Giza, Lismar, Renilda, pastora Cátia, minha discipuladora tia Lay, que entenderam as minhas faltas no culto, que oraram muito pela minha vida e sempre estavam me perguntando como eu estava. A minha irmã em Cristo Janice, sofreu coitada! Como incomodei com meus choros e agonias, obrigada! Agradeço as mulheres marisqueiras do Caquende que gentilmente contribuíram para a realização desse sonho, sem vocês nada disso poderia ter acontecido.

Agradeço a dedicação dos professores, a disposição e discussões teóricas que me auxiliaram para que pudesse refletir sobre meus conceitos, que acompanharam minha jornada enquanto estudante e foram de grande importância à minha formação como profissional e, além disso, me enriqueceram como pessoa.

Aos meu orientador, sou muito grata por ter sido orientada por você. Ao professor, Dr. Bruno Durães, um grande professor e grande pessoa, muito obrigada, pela ajuda que forneceu para que este trabalho fosse concluído com êxito.

A querida professora Ms. Márcia Clemente pelo carinho de sempre, por ter sido uma excelente supervisora acadêmica no período de estágio, nos tornamos amigas, pessoas assim nunca podemos esquecer, pois se tornam referência para nossas vidas.

Sou muito grata a todas as pessoas que fazem parte do meu ciclo de convivência que contribuíram direta ou indiretamente com meu crescimento, não teria como citar um por um aqui, mas todos sabem o tamanho de minha gratidão em tê-los em minha vida. Meus sinceros agradecimentos a todos vocês.

RESUMO

A pergunta norteadora desse trabalho foi a seguinte: quais os fatores centrais que ocasionaram o sumiço das mulheres marisqueiras do Caquende da frente da maré na cidade de Cachoeira? Nossa hipótese foi que o impacto ambiental interferiu profundamente na permanência das marisqueiras de forma estrutural. O objetivo central da pesquisa foi analisar a questão do trabalho das marisqueiras na estrutura social circundante que promoveram seu desaparecimento das margens da maré. A pesquisa pretendeu explorar as características da importância econômica do trabalho das marisqueiras e a relevância do trabalho dessas mulheres mesmo sendo reconhecidas como trabalho informal e de baixo valor econômico. Inicialmente foi feito um breve histórico da cidade de Cachoeira e do bairro do Caquende, que foi o local escolhido para pesquisa em que analisamos alguns dos motivos do afastamento das Marisqueiras da maré (frente à maré). Neste contexto em que a mulher marisqueira do Caquende está inserida, conhecer suas particularidades, suas complicações da sua atividade profissional, seus elementos internos e a sua realidade social foram alguns dos caminhos seguidos. Para tanto, utilizou-se da pesquisa de campo com a técnica de entrevista estruturada, realizada com 20 mulheres marisqueiras do bairro. Foram analisados aspectos sobre o modo de vida das mulheres marisqueiras, mas também questões, de gênero, escolaridade, cor/raça, religião e o seu processo de trabalho em si, incluindo o motivo para terem abandonado a maré e, em alguns casos, terem passado a comprar mariscos para revender. Ademais, foram utilizadas pesquisa bibliográfica e conversas/visitas aleatórias. Concluímos que existem clivagens internas entre as próprias Marisqueiras, umas parecem ter uma inserção melhor do que outras perante a Sociedade e ao Poder Público, assim, chegamos em 03 categorias de mulheres Marisqueiras, a saber, a *marisqueira rural*, *marisqueira quilombola* e *marisqueira urbana*. Esta última é a mais atingida com as mudanças da sociedade atual, com a falta de política pública e com a destruição do meio ambiente. Cabe ainda registrar que as marisqueiras pesquisadas possuem uma escolaridade mediana, tem mais de uma geração envolvida no trabalho e geralmente são responsáveis pela renda familiar. Logo, são pessoas relevantes da Sociedade, mas que sofrem pré-conceitos e estigmas, que enfraquecem a profissão, mas também, por outro lado, são mulheres empoderadas e dispostas a lutar por seu espaço e pelo reconhecimento e valorização.

Palavras-chave: Marisqueira, Trabalhadora, Saúde, Gênero e Meio Ambiente.

ABSTRACT

The guiding question for this study was: what were the central factors that led to the disappearance of the shellfish women from the Caquende tidal front in the city of Cachoeira? Our hypothesis was that the environmental impact interfered deeply in the permanence of shellfish in a structural way. The main objective of the research was to analyze the question of the shellfish work in the surrounding social structure that promoted its disappearance of the tide banks. The research aimed to explore the characteristics of the economic importance of shellfish work and the relevance of the work of these women even though they are recognized as informal work and of low economic value. Initially a brief history of the city of waterfall and the Caquende district was made, which was the place chosen for research in which we analyzed some of the reasons for the departure of tide fishermen (in front of the tide). In this context, in which the woman from Caquende fishermen is inserted, to know their particularities, their complications of their professional activity, their internal elements and their social reality were some of the paths followed. To do so, we used the field research with the technique of structured interview, performed with 20 women shellfish from the neighborhood. It analyzed aspects of the way of life of shellfish women, but also questions of profile, gender issues, schooling, color / race, religion and the work process itself, including the reason for abandoning the tide, and in some cases have gone on to buy seafood for resale. In addition, bibliographic research and random conversations / visits were used. We conclude that there are internal cleavages between the Marisqueiras themselves, some seem to have a better insertion than others before the Society and the Public Power, thus, we arrived in 03 categories of Marisqueiras women, namely, the rural shellfish, quilombi shellfish and urban shellfish. The latter is the most affected by changes in society, the lack of public policy and the destruction of the environment. It should also be noted that the shellfish farmers surveyed have a medium to good schooling, have more than one generation involved in the work and are generally responsible for the family income. So they are relevant people of the Society, but who suffer from preconceptions and stigmata, which weaken the profession, but also, on the other hand, are women empowered and willing to fight for their space and for recognition and appreciation.

Key words: Seafood, Worker, Health, Gender and Environment.

LISTA DE SIGLAS

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA

S/D – SEGURO DEFESO

MPA – MINISTÉRIO DA PESCA E AQUICULTURA

IFHAN– INSTITUTO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

SPHAN – SERVIÇO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

RESEX- RESERVA EXTRATIVISTA MARINHA DA BAÍA DO IGUAPE.

IBAMA – INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS.

LISTA DE ORGANOGRAMA, FIGURAS E GRÁFICOS

GRÁFICO 1- Marisqueiras de acordo com a idade.....	49
GRÁFICO 2- A religião das marisqueiras.....	49
GRÁFICO 3- A cor/raça das marisqueiras.....	50
GRÁFICO 4- Estado civil das marisqueiras.....	50
GRÁFICO 5- Marisqueiras conforme a escolaridade.....	51
GRÁFICO 6- Porcentagem de marisqueiras que são mães.....	51
GRÁFICO 7- Quantidade de filhos das marisqueiras.....	52
GRÁFICO 8- Pessoas que residem na mesma casa com as marisqueiras.....	52
GRÁFICO 9- Sobre os tipos de imóveis.....	53
GRÁFICO 10- Renda familiar da marisqueira.....	54
GRÁFICO 11- Participação da renda da marisqueira.....	54
GRÁFICO 12- Quem mais contribui com a renda familiar.....	55
GRÁFICO 13- Benefício social e marisqueira.....	55
GRÁFICO 14- Bolsa Família e marisqueira.....	56
GRÁFICO 15- Iniciação da profissão de marisqueira.....	57
GRÁFICO 16- Marisqueira e filiação na Colônia de pescadores.....	57
GRÁFICO 17- Qual entidade representativa as mulheres são filiadas.....	58
GRÁFICO 18- Marisqueiras e o seguro-defeso.....	59
GRÁFICO 19- Quantidades de pescadores em domicilio.....	59
GRÁFICO 20- Sobre se sentirem discriminadas por serem Marisqueiras.....	60

LISTA DE TABELAS

- TABELA 1-** Motivos expressos em quantidade e percentual por estarem exercendo a atividade de mariscagem62
- TABELA 2-** As Mudanças que ocorreram no processo de trabalho no início da profissão para os dias atuais.....63
- TABELA 3-** Motivos para o afastamento da Beira da Maré.....64
- TABELA 4-** Acham que os trabalhos das Marisqueiras estão desaparecendo? Por quê?.....65

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. BREVE HISTÓRICO SOBRE A CIDADE DE CACHOEIRA-BA	18
1.1 O bairro do Caquende.....	21
1.2 O Trabalho na Pesca e as Marisqueiras no Recôncavo da Bahia.....	25
2. OS ENFRENTAMENTOS DA MULHER MARISQUEIRA: entre a identidade cultural e a sobrevivência	31
2.1 Mulheres marisqueiras e o meio ambiente.....	35
2.2 Mulheres marisqueiras: geração, gênero e saúde.....	39
3. AS MARISQUEIRAS DE CACHOEIRA: transformações, resistência e desaparecimento social	44
3.1 Entre a história do trabalho de marisqueira e o fim de uma categoria profissional.....	44
3.2 “Eu já nasci na lama”.....	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	73
APÊNDICES	78
ANEXOS	81

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto de observações do cotidiano das mulheres marisqueiras do bairro do Caquende, situado na cidade de Cachoeira- BA, tendo como objetivo central compreender o processo de trabalho dessas mulheres e suas contradições internas, as quais passam pelo desaparecimento de uma “profissão”, mas, também, perpassam pela autoafirmação histórica e cultural de mulheres que alcançam sua independência, sobrevivência e autonomia na pesca de marisco no Recôncavo da Bahia. Trata-se de uma profissão de séculos passados e seu início se deu no período pós-abolicionista em meados do século XIX. São mulheres guerreiras que labutam na busca de reconhecimento e pela valorização social e que já representam gerações ao longo de, mas de 100 anos na Bahia. Existem verdadeiras famílias que se formaram por causa da mariscagem e sobreviveram do marisco. São trabalhadoras que vivem entre a produção (pesca, coleta, extração) e o comércio (venda e consumo). É um vai e vem de sofrimento, garra, tristeza e alegria, revelando um misto de satisfação, bem como de incerteza e invisibilidade, já que não sabe até quando conseguirão encontrar mariscos, pois dependem do meio ambiente e nem sempre o ambiente está favorável, ao contrário, a poluição e as transformações urbanas afetaram diretamente essa forma de trabalho. É um pouco dessa realidade que iremos descrever e entender aqui nessa pesquisa.

De acordo com Fraga (2006), foram formadas comunidades com ex-escravos em torno de antigos engenhos, em que esses escravos buscavam alternativas de sobrevivências com pequenas plantações e com pescaria. Nesta mesma vertente Ramos (1996) afirma que a “[...] população escrava do engenho surgiu numa pequena comunidade que tirou ‘da maré’, do manguezal e da baía grande parte do seu sustento” (RAMOS, 1996, p. 165). Entende-se que, a partir desse período, logo após a abolição da escravidão, segundo oralidades dos moradores antigos e histórias contadas para os pescadores, por seus pais e avós, que começava a surgir no bairro do Caquende e na Rua da Faceira uma comunidade pesqueira¹.

¹Cabe registrar que Caquende e Faceira são usados como denominações de dois bairros distintos, mas, na verdade, trata-se de um mesmo bairro, que oficialmente chama-se Caquende. Retornaremos a discutir esse bairro ao longo do texto.

Esse termo é usado para se refletir ao trabalho de catar e da venda de marisco.

A população que ali se desenvolvia passou a encontrar no mar e no mangue as condições necessárias para sua sobrevivência e de sua família, passando a praticar a atividade da pesca artesanal enquanto profissão. Essa arte foi sendo passada de geração a geração. Conforme Diegues (2004) falando do significado da profissão de pesca, diz:

[...] o cerne da própria pesca artesanal: o domínio do saber-fazer e do conhecer que forma o cerne da 'profissão'. Esta é entendida como o domínio de **um conjunto de conhecimentos e técnicas que permitem ao pescador se reproduzir enquanto tal**. Esse controle da arte da pesca se aprende com 'os mais velhos' e com a experiência (DIEGUES, 2004, p. 87) [grifo nosso].

Caquende é o único bairro urbano pesqueiro de Cachoeira que tem uma comunidade ribeirinha. Entre pescadores e marisqueiras enfatizaremos a *mulher pescadora* como parte integrante do ambiente social desta localidade, abordando questões de gênero, pois a atividade da mariscagem é uma profissão que por si só distingue o papel do homem pescador e da mulher marisqueira. No que se refere aos papéis entre os gêneros, de modo geral, existe uma invisibilidade feminina em detrimento do que seria o papel do homem em atividades econômicas. Flax (2010, *apud* SILVA, 2010, p. 8) evidencia que a desigualdade de gênero é um fator determinante na divisão do trabalho dentro da atividade pesqueira. Ademais, vale registrar que essa divisão entre esses papéis determinados desses sujeitos é vista, quase sempre, como algo dado, natural, quando, na verdade, é uma construção social.

O objetivo da pesquisa, portanto, é analisar a questão do trabalho das marisqueiras na estrutura social circundante que promoveram seu desaparecimento das margens da maré. A importância deste estudo é compreender as relações entre as mulheres marisqueiras do Caquende, seu ambiente de trabalho e as principais transformações ocorridas. As marisqueiras do Caquende são cadastradas na colônia de pescadores Z52 a qual a sede principal fica na Bacia do Iguape, um distrito rural de Cachoeira, local onde se concentra a maior parte dos pescadores da cidade. Talvez a paisagem natural do bairro tenha passado por mudanças e não se perceba mais a figura da pescadora na beira da maré, porém, ela permanece e continua desempenhando suas atividades de mariscagem, em um novo ritmo (com um formato diverso), um sistema que as torna invisível do cenário natural, porém, no geral, ainda se

mantém nessa forma de trabalho como meio de autonomia e sobrevivência, buscando alternativas para o enftetamento das mudanças dentro do próprio sistema social.

De acordo com Antunes (2009) é um grande equívoco imaginar o fim do trabalho na sociedade produtora de mercadorias (na sociedade dominada pelo capital em escala global), é, entretanto, imprescindível entender quais mutações e metamorfoses vêm ocorrendo no mundo contemporâneo, bem como quais são seus principais significados e suas mais importantes consequências.

Nesta perspectiva de compreensão geral a pergunta de investigação se baseia em: Quais os fatores centrais que ocasionaram o sumiço das mulheres marisqueiras do Caquende da frente da maré na cidade de Cachoeira?

Cabe retomar Milton Santos (1997) quando este diz: “[...] sabemos também que os eventos apagam o saber já constituído, exigindo novo saberes” (SANTOS, 1997, p. 264), depende cada vez menos da experiência e cada vez mais da descoberta. Tornou as próprias pescadoras conhecidas por ser um trabalho familiar(o saber acumulado)Assim mesmo com novos fatos é preciso resistir nos saberes existentes e descobrir novas formas de lutas para que essa cultura não seja esquecida.

A preservação da cultura, das histórias orais e o respeito pela maré permaneceram explícitos nas falas das entrevistadas, ou seja, as lendas e os mitos povoam o imaginário social dessas mulheres e revelam como são importantes e constitutivas das práticas vividas. As principais transformações urbanísticas foram de muita relevância para o desaparecimento dos peixes e crustáceos do bairro do Caquende. A mariscagem está inserida na pesca artesanal. Conforme Oliveira (1993), a pesca artesanal é

[...] uma atividade na qual a dinâmica ambiental influencia diretamente o volume da reprodução social, a periodicidade dos trabalhos domésticos, ou seja, toda a vida comunitária que depende desta atividade de subsistência principal (OLIVEIRA, 1993, p. 83).

Através desse estudo apresentaremos as características da importância econômica do trabalho das marisqueiras em Cachoeira, a relevância do trabalho dessas mulheres, mesmo sendo reconhecidas como trabalho informal (que não possui carteira assinada e nem direitos sociais correlacionados), e de costumes tradicionais em uma localidade que não se encontram oportunidades de empregos formais se constitui uma classe de trabalhadores que desempenha um forte papel nessa comunidade. Ligado a este conceito mais amplo de classe trabalhadora estão às territorialidades, que designam, conforme Little (2002, p. 3), “[...] o esforço coletivo

de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico, convertendo-a assim em seu ‘território’. Nesse caso, o lugar físico vira um lugar social, uma espécie de território de trabalho, de cultura, de autoafirmação e de autonomia. Existe nessa atividade de trabalho com marisco um elemento unificador e que cria identidade no lugar, no caso, é o ser Marisqueira.

Segundo Marx (1988, p.57):

O trabalho, como formador de valores de uso, como trabalho útil, é uma condição de existência do homem, independente de quaisquer formas de sociedade, é uma necessidade natural eterna que tem a função de mediar o intercâmbio entre o homem e a natureza, isto é, a vida dos homens”.

Não nos deve escandalizar a utilização da expressão “valor de uso”, considerando-a muito as consequências da construção da barragem e as mudanças urbanísticas, que modificaram a paisagem natural e trouxeram consequências desastrosas para saúde dos pescadores, o que terminou por mudar de certo modo o valor de uso para com a natureza. Iremos enfatizar nos capítulos à frente.

O meio ambiente vem sofrendo com os efeitos oriundos do sistema capitalista, que conseguiu mudar de forma significativa o espaço de trabalho da população ribeirinha e atualmente a mulher marisqueira vem sentindo as dificuldades e prejuízos imensuráveis, como a diminuição dos crustáceos e dos peixes, devido à implantação da usina da Pedra de Cavallo, que afastou os crustáceos e os peixes, a mistura da água também, e a salinação são grandes fatores que ocasionaram as mudanças dessas mulheres neste processo de trabalho.

Segundo Loureiro (2012) a relação entre *sociedade e natureza* está vivendo um período de transformações relacionado ao desequilíbrio ecológico e que está além da finitude dos recursos, pois há um conjunto de variantes que estão interligadas, a saber: capitalismo, modernidade, meio ambiente e saúde. Existe, inclusive, um consenso entre os estudiosos sobre natureza e saúde uma vez que a compreensão de saúde superou o caráter restrito de ausência de doenças, passando a incluir uma série de determinantes econômicos e sociais como corresponsáveis pela saúde dos indivíduos.

Estas transformações são frutos de um processo ideológico de um capitalismo expressivo, que tende a buscar somente lucros e desenvolvimento econômico (GUATTARI, 2001).

Segundo Philips Jr. e Malheiros (2005), a VIII Conferência Nacional de Saúde, realizada em 1986, “[...] propôs o entendimento do conceito de saúde como resultante das

condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse de terra e acesso a serviços de saúde” (PHILIPS JR; MALHEIROS, 2005, p. 19). Neste sentido, os problemas ambientais constituem-se como fatores negativos, que atingem a saúde humana e a qualidade de vida, exigindo a implementação de medidas de caráter mitigatório pelo poder público com relação ao industrialismo e urbanismo.

Segundo Sousa (s/d, p. 1), a relação entre saúde e saneamento reside no cerne da discussão sobre saúde e meio ambiente. Os serviços de saneamento são os que apresentam a mais nítida relação com a saúde. Grande questão de relevância da saúde das mulheres marisqueiras, salientamos que não existe uma política de saúde para os pescadores artesanais.

Nesse momento é importante considerar que o Caquende vem passando por diversas transformações urbanísticas realizadas pelo ser humano com o espaço urbano, como construção de casas, alargamento de ruas e etc. Se faz necessário novas adaptações para comunidade pesqueira, a cada período a permanência dessas mulheres nas atividades pesqueiras se tornam um desafio enfrentado por essas mulheres que sobrevivem da maré.

A escolha temática sobre a mulher está atrelada a diversos temas conflituoso no que se refere às relações de gênero e as suas diferenças que são seculares, estando relacionada ao sexo feminino e ao sexo masculino, a desvalorização da mulher no mercado de trabalho exercendo a mesma função dos homens, mas recebendo salários mais baixos – cultuou-se que lugar de mulher é na cozinha ou sempre em trabalhos invisíveis e precários –. Assim, dentre outros elementos, a importância da pesquisa é conhecer de forma mais abrangente a mulher marisqueira, por tanto, sendo a protagonista do estudo a mulher marisqueira do Caquende e de Cachoeira.

Dessa forma, o intuito é dar visibilidade ao lugar que já pertence a essas mulheres, mas que é pouco falado, problematizado e referenciado, que é o lugar de mulheres autônomas e trabalhadoras. As marisqueiras em Cachoeira têm uma história e que precisa ser compreendida e respeitada, inclusive para mostrar o papel exercido pelas mulheres da cidade e também para evidenciar outras formas de trabalho e de cultura. Assim, consideramos ainda que o trabalho dessas mulheres é também uma forma de resistência cultural, que precisará, sem dúvida, ser mais compreendido e valorizado.

Apesar do tema pesquisado, mulher marisqueira, ser bastante abordado recentemente, acreditamos que trará algo novo por se tratar de uma localidade nova dentro das pesquisas existentes, pouco explorada e riquíssima em cultura popular.

Para chegarmos à coleta de dados empíricos da pesquisa contamos com a ajuda dos moradores antigos e pescadores aposentados através de um diálogo sobre as histórias do bairro e das mulheres marisqueiras que é de total importância para realização da pesquisa. As entrevistas foram realizadas com 20 mulheres marisqueiras do bairro do Caquende, com caráter exploratório, sendo utilizada a pesquisa bibliográfica (revisão literária de artigos relacionados ao tema) para aprofundarmos de forma mais abrangente o objeto. Sendo assim, a “[...] pesquisa bibliográfica é aquela que se realizam a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc.” (SEVERINO, 2007, p. 122).

Este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. A grande maioria dessas pesquisas envolve: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com a questão pesquisada; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão. Essas pesquisas podem ser classificadas como: pesquisa bibliográfica e estudo de caso (GIL, 2007). Já a pesquisa descritiva exige do investigador uma série de informações.

Foi realizada a pesquisa de campo e a coleta de dados, que após analisada trouxeram resultados das respostas de cada entrevistado, não abrindo mão da análise dos discursos. A pesquisa de campo caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa (pesquisa ex-post-facto, pesquisa-ação, pesquisa participante, etc.) (FONSECA, 2002).

Esclarece Fonseca (2002) que “[...] diferentemente da pesquisa qualitativa, os resultados da pesquisa quantitativa podem ser quantificados” (FONSECA, 2002, p. 20). Como as amostras geralmente são extensas e consideradas representativas da população, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa. A pesquisa quantitativa se centra na objetividade. Influenciada pelas evidências factuais, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros. A pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc. Optamos pela pesquisa de cunho qualitativo por ser a forma de acessar o fenômeno sem esgotá-lo, mas podendo revelar elementos internos e constitutivos.

No primeiro capítulo elaboramos um breve histórico sobre a localização geográfica de Cachoeira-Ba. Relatamos sobre seu cenário na história brasileira, e também fizemos uma

apresentação do bairro Caquende, sendo este um bairro urbano e ribeirinho, assim, foi apresentada sua história, o surgimento da marisqueira e do pescador no Recôncavo da Bahia e no bairro.

No capítulo seguinte discorreremos sobre as implicações da mulher marisqueira, as questões de gênero na profissão, a sua saúde e o meio ambiente com ênfase no rio Paraguaçu, que é a principal fonte de sobrevivência para os pescadores.

E no terceiro capítulo falamos sobre a mulher marisqueira de Cachoeira, as transformações ocorridas no trabalho de mariscagem e os motivos relevantes abordados pelas mesmas, nos debruçando sobre as entrevistas.

Na sequência, concluímos a pesquisa com as Considerações Finais, onde retomamos questões centrais discutidas ao longo do texto e procuraremos dar um fechamento no processo de entendimento e desvelamento dessa realidade social complexa, dialética e multifacetada.

Capítulo 1. BREVE HISTÓRICO DA CIDADE DE CACHOEIRA-BA

O município de Cachoeira - Bahia está situado a 110 km da capital da Bahia, fazendo parte do recôncavo baiano, juntamente com outras Cidades, sendo elas: São Sebastião do Passé, São Francisco do Conde, Santo Amaro, Saubara, São Félix, Governador Mangabeira, Muritiba, Cabaceiras do Paraguaçu, Cruz das Almas, Maragogipe, Sapeaçu, Castro Alves, Conceição do Almeida, São Felipe, Nazaré e Santo Antônio de Jesus (AZEVEDO, 2011²). Permanece situada na zona do litoral oeste da Baía de Todos os Santos, na zona fisiografias do Recôncavo. Sua configuração geológica é de uma falha tectônica ou *graben*, que forma o golfo de Saubara, em Santo Amaro, e separa esta região de Salvador em pilares, a leste e oeste da Baía³. Limita-se a norte com o município de Conceição da Feira; a sul com Maragogipe; a leste com Santo Amaro; a oeste com São Félix, da qual está separado pelo rio Paraguaçu, numa distância de 300 metros (MATTOSO, 1992).

Cachoeira possui atualmente 395.223 km² e cerca de 32.026 habitantes, seus limites geográficos coincidem com os municípios de Conceição da Feira ao Norte, Santo Amaro e Saubara a Leste, São Félix, Maragogipe, Governador Mangabeira e Muritiba a Oeste. O município apresenta temperatura média anual de 25,4°, seu relevo é caracterizado pela presença de formações do tipo tabuleiro (são áreas com relevo aplainado cortadas por vales, que apresentam predominantemente Argissolos Amarelos e latossolos amarelos) e sua hidrografia tem como principal curso o Rio Paraguaçu, que forma a Baía do Iguape (IBGE, 2016).

A história de Cachoeira está intrinsecamente ligada ao rio Paraguaçu. O rio Paraguaçu é totalmente baiano, principal afluente da Baía de Todos os Santos, tem sua nascente na Chapada Diamantina, na cidade de Barra da Estiva e sua foz na Baía de Todos os Santos, configurando-se como o mais extenso rio do Estado, em razão de seus 664 km, 33

² Território de Identidade pode ser definido como “*um espaço físico, geograficamente definido, geralmente contínuo, caracterizado por critérios multidimensionais, tais como o ambiente, a economia, a sociedade, a cultura, a política e as instituições, e uma população com grupos sociais relativamente distintos, que se relacionam interna e externamente por meio de processos específicos, onde se pode distinguir um ou mais elementos que indicam identidade, coesão social, cultural e territorial*”. **Cidades que pertencem ao recôncavo de acordo de acordo com governo do Estado da Bahia:** Cabeceiras do Paraguaçu, Cachoeira, Castro Alves, Conceição do Almeida, Cruz das Almas, Dom Macedo Costa, Governador Mangabeira, Maragogipe, Muniz Ferreira, Muritiba, Nazaré, Salinas da Margarida, Santo Amaro, Santo Antônio de Jesus, São Felipe, São Félix, Sapeaçu, Saubara, Varzedo. Disponível em: <http://www.sei.ba.gov.br/images/informacoes_por/territorio/indicadores/pdf/reconcavo.pdf>. Acesso em 23 de agosto de 2018.

³ Mattoso, Kátia Maria Queirós. *Bahia - Século XIX: Uma Província no Império*. 2ª edição. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1992, pp. 45 e 46.

deles navegáveis em seu baixo curso. Seu afluente mais importante é o rio Jacuípe que deságua no lago da Barragem e Usina Hidrelétrica Pedra do Cavalo.

Seu desenvolvimento econômico se dá partir do séc. XVII com o processo açucareiro e com uma economia forte da cana de açúcar, tendo como seus colonizadores os portugueses que por aqui desembarcaram, após reconhecer os territórios começam a descer da Baía de Todos os Santos, adentrando na bacia do Paraguaçu. Famílias senhoriais começam a desembarcar, juntamente com Mem de Sá.

Os portugueses batalharam com os franceses que já estavam por essas terras explorando as madeiras, e com os índios que foram os primeiros habitantes desse território. Em ambas batalhas os portugueses saem vencedores e expulsam esses povos, assumindo então esses espaços, se instalando nessas terras que será chamada primeiramente de Freguesia Nossa Senhora do Rosário, 1696, e após dois anos de Vila Nossa Senhora do Rosário do Porto de Cachoeira; através das lutas pela independência do Brasil em 25 de junho 1822; a Guerra da Sabinada em 1837, e até 1838 alguns soldados cachoeiranos lutaram por essa conquista, motivos esses, que contribuíram para Cachoeira a elevação de Cidade Heroica em 1837.

Como exposto anteriormente, o município de Cachoeira é banhado pelo rio Paraguaçu sendo um dos rios mais importantes da Baía de Todos os Santos, um patrimônio natural sendo ele responsável pelo apogeu de Cachoeira na economia entre o século XVI até o século XIX. A história de Cachoeira está entrelaçada com o rio Paraguaçu e era através desse afluente que se fazia a comercialização das mercadorias (cana de açúcar, fumo e algodão). Era o processo de progresso do Brasil de expansão da economia que se deu através das águas afluentes do Paraguaçu.

De acordo com Santos (1998), o rio não transportava apenas mercadorias. As pessoas também o utilizavam como meio de transporte fluvial, inclusive, foi através desse roteiro que chegaram os portugueses e os africanos na cidade. Em decorrência, surgiram “novos centros”, colocados sobre as margens de rios, ruas e terminais de navegação Fúlvio-marítima .

Cachoeira⁴ foi uma cidade que viveu no apogeu da economia, mas também sentiu o seu declínio econômico em meados dos anos de 1960, alguns fatores foram importantes como fechamento de fabricas de charuto e de usinas açucareira e as construções das rodovias que possibilitaram outras rotas para expansão de novos comércios, saindo do cenário econômico.

Segundo Marques (MARQUES, 2008, p. 78).

⁴ Informações retiradas de sites de busca sobre a cidade histórica de Cachoeira. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br>>. Acesso em: 02 de agosto de 2018.

[...] a lenta decadência devido a uma série de fatores, dentre eles o enfraquecimento do comércio local pela construção de rodovias e o fechamento de seus principais armazéns de fumo e fábricas de charuto, o que gerou desemprego e, conseqüentemente, a pobreza.

A cidade de Cachoeira continua com seu acervo arquitetônico preservado, apesar de ter saído do cenário econômico em meados do século XIX, e isso foi o fator de maior relevância para ser intitulado patrimônio nacional, assim, sua cultura e seus registros de Memória estão sendo protegido por órgão Federal, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). Este, criado em 1937, define o patrimônio como:

O conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no País e cuja conservação é de interesse público, quer por sua vinculação e fato memorável da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico (SPHAN, 1937, pág. 39).

Por sua importância histórica, a Cidade de cachoeira foi tombada em 1971 como monumento nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), hoje é uma das cidades com maior importância turística na Bahia. Desde a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, pelo Decreto da Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937.

Desde seu passado de lutas até os dias atuais, Cachoeira continua preservando suas manifestações populares como os seus festejos juninos, a festa da Boa Morte, a festa Embalo D’Ajuda, o sincretismo religioso e a sua culinária, que também se destaca como elemento cultural e que atrai visitantes todos os anos. Seus acervos arquitetônicos possibilitam que a cidade seja bem visitada durante todo ano, e que a sua história seja sempre revivida através dos seus acervos, compondo uma espécie de memória viva.

Atualmente, sua economia é fruto do comércio local, esse é um dos fatores que necessitam de crescimento, lembrando que a cidade já foi tão importante para economia em outros aspectos, porém, ficando no passado e na memória. Levando-se em consideração que se a cidade fosse revitalizada nos aspectos econômica, no fortalecimento da cultura e do turismo poderia ser uma estratégia para o crescimento econômico da cidade.

A cidade de Cachoeira não pode ficar só na memória de um povo simplesmente por possuir um rico patrimônio arquitetônico cultural. É importante lembrar que Cachoeira já foi “cidade-entreposto”, e por ela transitou grande parte da riqueza nacional, ou seja, a imensa

produção de cana-de-açúcar e de fumo. Foi a cidade que representou a porta de entrada para o Sertão. Como defende Mello (2001), “[...] pela cidade de Cachoeira bailava a moda de Paris, tudo o que acontecia de novo no mundo da moda europeia também perambulava em Cachoeira” (MELLO, 2001, p. 32). A cidade também tinha um fluxo muito intenso no que diz respeito ao transporte ferroviário e fluvial. E ainda foi palco de lutas pela independência da Bahia e do Brasil. Cachoeira é, portanto, uma cidade histórica que preserva suas memórias, e tem cultura forte e identidade Cultural singular, entre ruas e bairros. Cabe também destacar que Cachoeira é uma cidade negra e bastante rica culturalmente e religiosamente.

No item seguinte será apresentado o bairro do Caquende, um bairro urbano, porém constituído de uma comunidade pesqueira.

1.1 O bairro do Caquende

De acordo com Wanderley Pinho (1968), Cachoeira possui uma das mais antigas localidades urbanas que estão situadas na Praça da Bandeira, no bairro do Caquende. Notamos que ela se constitui a única praça que possuía uma configuração circular, embora transformações urbanísticas tenham modificado levemente essa configuração. Além do formato circular, esta praça possui várias ruas que se bifurcam em direção à fazenda Caquende, distante dela, aproximadamente, 200 metros. Outra rua liga a referida praça ao porto do calão, local onde se fabricava canoas e outras embarcações de pequeno calado. Duas outras ruas seguem para a zona rural denominada Terra Vermelha, já no distrito de Iguape, precisamente para o engenho da Vitória, distante seis quilômetros de Cachoeira. Finalmente, a Rua do Caquende (atualmente Rua Inocêncio Boaventura), que conduz para o centro da cidade. Vejamos fotos do Bairro:



Fonte: Cleonice Gonçalves (acervo pessoal). Bairro Caquende em meados do século XX..



Fonte: Cleonice Gonçalves (acervo pessoal). Bairro Caquende em dias atuais.

Wanderley Pinho (1968) menciona outro aspecto que deve ser levado em consideração, em que, ainda hoje, os moradores desse bairro são, em sua maioria, pescadores, canoeiros e artesãos de redes de pescar e cerâmica utilitária⁵. Do ponto de vista histórico, durante a construção do convento da Ordem dos Carmelitas, no final do século XVII, uma comunidade indígena, possivelmente do grupo Jaraguá⁶ e/ou aquelas comunidades indígenas reduzidas ao núcleo criado em 1557 pelo Pe. Manoel Nóbrega vivia sob a tutela dessa Ordem como pescadores, canoeiros e artesãos⁷. Segundo Martius Von SPIX (1981),

[...] presumivelmente, e seria necessário um trabalho especializado para confirmar esta tese, o bairro do Caquende fora um núcleo indígena, uma oca. Neste sentido, acreditamos que, anterior a qualquer núcleo de povoamento português em Cachoeira, já existia um núcleo anterior, que viabilizou o povoamento formal, que

⁵ O trabalho de cerâmica é forte no Recôncavo em cidades como: Maragogipe – especificamente sendo realizado no distrito de Coqueiros tendo como figura emblemática, Dona Cadu; Maragojipinho e Nazaré das Farinhas são as principais cidades. Cachoeira não deu segmento a esta atividade, não perpetuou essa tradição. Nos períodos de festa como o São João, tem a feira do porto onde vendem as cerâmicas, mas o produto é trazido e vendido por artesãos de outras regiões. Na obra *Cerâmica popular* produzida pelo Instituto de Artesanato Visconde de Mauá 34, são citados elementos da técnica da modelagem em barro herdado de etnias indígenas pelas comunidades baianas, com destaque para o emprego de pigmentos de origem mineral (tauá) na decoração dos objetos, a técnica de modelagem é o rolete ou roletado e a queima ao ar livre, todos presentes na cerâmica de Coqueiros.

⁶ Anteriormente ao povoamento habitavam Cachoeira alguns grupos indígenas Tapuia, entre os quais maracá e Jaraguá. De acordo com Nascimento (2000) em seu artigo laudo histórico arqueológico da zona do Caquende e entorno.

⁷ A travessia para São Felix pelo rio Paraguaçu através de canoas era uma atividade explorada pela Ordem Carmelita durante a sua permanência em Cachoeira. Essa prática sobreviveu até 1980 e todos os canoeiros cachoeiranos eram moradores do Caquende. São também moradores do Caquende os artesãos, ceramistas e pescadores.

ocorreu quase um século depois. Com o passar do tempo, principalmente com a formação do povoado, o Caquende, como o nome sugere, se tornou local para abastecimento de água, banheiro público. No início do século XIX sua configuração ecológica pouco havia mudado (MARTIUS VON SPIX, 1981, p. 181).

Portanto, a presença de povos indígenas na formação do bairro do Caquende foi bastante relevante, o que pode, inclusive, ter edificado raízes nas formas de trabalho específicas e culturas próprias desse bairro em relação a outros agrupamentos urbanos da cidade de Cachoeira.

O Bairro do Caquende é uma comunidade localizada na parte urbana da cidade, porém, se torna afastada do centro comercial da cidade, com cerca de 1.347 pessoas, informações colhidas com os agentes de saúde da referida localidade, o IBGE só possui dados gerais da população da Cidade.

O bairro do Caquende é banhado pelas águas do rio Paraguaçu, assim como toda a cidade de Cachoeira, com uma belíssima paisagem natural local em que se consiste o nosso objeto de estudo, os/as pescadores/as artesanais. O Ministério Da Pesca e Aquicultura (MPA, 2007) define a pesca artesanal como sendo:

[...] uma atividade baseada em simplicidade, na qual os próprios trabalhadores desenvolvem suas artes e instrumentos de pescas, auxiliados ou não por pequenas embarcações, como jangadas e canoas, pescadores atuam nas proximidades das costas, dos lagos e rios (MPA, 2007). [grifo nosso].

Portanto, aqui já aparece a ideia de que o trabalho é também uma manifestação cultural e quiçá artística. Obviamente que não estamos dessa maneira, afirmando que o trabalho deixa de ter centralidade na vida, não é isso, apenas estamos chamando atenção para outras relações que existem e/ou que são possíveis pelo trabalho.

A cultura do bairro é marcante, o que continua sendo uma influência direta na vida e no cotidiano dos seus moradores locais. Uma das marcas culturais mais importantes desse bairro é o grupo de samba de roda Filhos do Caquende, basicamente composto por familiares e amigos. O grupo se sustenta ainda hoje através de suas apresentações musicais, possuindo característica peculiar e participando ativamente das comemorações locais e em vários lugares. O sincretismo religioso também é uma característica importante no bairro. Entre procissões, reza das benzedeadas e o Candomblé, que permanecem até os dias atuais em forma

de heranças deixadas pelos antepassados. A comunidade tem raízes fortes também no povo negro e é majoritariamente composta por pessoas negras.

A Cultura, portanto, é parte fundamental para a construção do ser humano, refletindo no modo de agir e pensar, importante também para a formação das relações sociais, além do fortalecimento da identidade, já que cultura trabalha com a construção da memória coletiva (e se articula com as representações sociais atuais e históricas). Fica, assim, explícito no Artigo 215 da Constituição Federal de 1988, "O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais" (BRASIL, 1988).

De acordo com Diegues (1983) a história da pesca artesanal confunde-se com a própria história da humanidade, já que desde seus primórdios, o homem coleta da natureza aquilo que necessita para sua sobrevivência. A pesca está presente nesta comunidade do recôncavo desde o século XIX e se destaca neste cenário pelos ex-escravos, alforriados, que sem opção de trabalho – também não gostariam de deixar a cidade para ir para capital –, não tinham condições econômicas, encontrando assim dificuldades de permanecer em outras localidades.

E hoje, 2018, temos um novo cenário histórico e social, mas permanecem contextos de crise no recôncavo e em Cachoeira, em que temos uma larga quantidade de trabalhadores disponíveis e sem trabalho, mas não temos trabalhos para todos. Portanto, hoje e no passado temos problemas de falta de trabalho para população local e de busca por alternativas de sobrevivência. Assim, a pesca (e o trabalho de cata de mariscos) aparece como possibilidade e meio de vida.

Em meados do XIX, voltando para questão histórica, os ex-escravos, alforriados, permanecem em Cachoeira sem dinheiro e sem trabalho, logo, os meios de sobrevivência vão ser a pesca e a agricultura no princípio apenas para sua subsistência direta.

Para Fraga (2006):

Nos últimos anos do século XIX, o Recôncavo Baiano, densamente povoado e até então economicamente sólido graças à presença de inúmeros engenhos, começou a sentir os reflexos da crise açucareira e das mudanças institucionais que ocorriam no país. A região contava com escravos crioulos que, ao longo dos anos, tinham constituído famílias, tecido uma extensa rede de relações, enfim, criado estratégias de sobrevivência (FRAGA, 2006, p.42).

Além do trabalho no ganho, na criação, caça e pesca, os escravos e ex-escravos podiam produzir a própria subsistência em pequenas parcelas de terras.

A transformação dos trabalhos e dos trabalhadores do Caquende se dá a partir do processo que se constitui em um *bairro pesqueiro*, criando uma identidade própria, extraindo dos recursos naturais para o consumo dessa comunidade, mais tarde os crustáceos e peixes irão ser comercializados nas feiras livres e no comércio, criando autonomia para os pescadores dessa comunidade, e modificando-se o processo de trabalho de acordo com tempo da história.

1.2 O Trabalho na Pesca e as Marisqueiras no Recôncavo da Bahia

O surgimento da mulher marisqueira se dá a partir das dificuldades dessas mulheres, em sua maioria negra, de alcançar oportunidade no mercado de trabalho, que historicamente foi limitado e com poucas opções. Sendo diversas dificuldades, tais como: baixa escolaridade, ser mulher negra, a necessidade de sustentar sua família em uma época que a mulher não tinha voz. Esses foram alguns determinantes sociais para sua permanência como marisqueira, além da localidade ser um fator para se consolidar nessa atividade. Ou seja, diversos elementos (cultural, social e geracional) influenciaram na construção dessa iniciação na atividade de marisco e na permanência, como veremos adiante.

Por residirem próximo ao local de onde retiravam seu alimento de consumo e sustento financeiro possibilitou que se tivessem uma independência financeira, e também o contato com pessoas mais antigas da região, muitas das vezes com o aprendizado adquirido pelo familiar de uma geração anterior a sua, eram favoráveis para consolidar a atividade de marisqueira.

De acordo com Diegues (2004) a relação de cada sociedade com a natureza será construída a partir das crenças e do juízo de valor construído por elas, como também pela sua relação com o sistema econômico que participam. Comunidades ribeirinhas não enxergam a maré apenas como seu local de Trabalho, mas como um lugar que guarda suas lembranças, das suas narrativas de suas vidas, sua cultura, seu porto seguro, a natureza em especial. Portanto, a maré é preservada e respeitada, é a natureza que conduz o pescador e a marisqueira que além de cuidar do meio ambiente, terminando obedecendo as regras simbólicas postas. Falar de povos tradicionais é falar de Meio Ambiente e preservação, bem como de identidade e memória social.

Ainda para Diegues (2004) as comunidades tradicionais são identificadas pelo seu relacionamento de simbiose com a natureza; pelo desenvolvimento de atividade de baixo impacto ecológico como o extrativismo animal e vegetal; produção voltada para a subsistência; demarcação cultural do espaço onde habitam; pela rede de parentesco e compadrio estabelecido na comunidade; elevado conhecimento dos recursos naturais e dos ciclos ecológicos (utilização de complexo calendário ecológico); utilização de técnicas com limitado desenvolvimento tecnológica e transmissão hereditária do conhecimento tradicional.

As marisqueiras do Caquende são todas filiadas à colônia de pescadores Z52, fundada em 2005 no distrito de Santiago de Iguape, localidade preservada pela Reserva Extrativista Marinha da Baía do Iguape (RESEX), aproximadamente 120 pescadores do Caquende são cadastrados, em sua maioria as mulheres marisqueiras.

Atualmente tem-se uma pessoa responsável para atender os pescadores do bairro do Caquende, a pescadora Ivana Patrícia. Mensalmente existem reuniões com o presidente Erivaldo Araújo na cidade para dúvidas e esclarecimentos⁸.

Segundo as informações das entrevistadas houve um aumento significativo de marisqueiras e pescadores filiados na colônia do bairro do Caquende, após a conquista dos direitos trabalhistas, especialmente o Seguro-Defeso⁹. Isso também possibilitou um novo processo de trabalho, pois o processo de retirada do marisco do rio está ligado ao ato de *catar*, de *beneficiar* e de *comercializar*, então se modifica o processo de Trabalho. Muitas mulheres desaparecem da beira da maré e surgem nas suas residências comercializando de porta em porta nas casas da cidade e nas feiras livres do mercado informal. É a segmentação do trabalho da pesca artesanal, que podem não está diretamente retirando os mariscos do rio, mas participam do processo de comercialização. Ou seja, a comercialização também é parte integrante da atividade laboral da pesca de mariscos ou da mariscagem.

Tem um elemento que termina interferindo na lógica da comercialização e ou na vida na cidade também e que afeta Cachoeira e, indiretamente, afeta o trabalho com marisco, que são as novas formas de Trabalho que surgem com o neoliberalismo e o afastamento do Estado da responsabilidade com as práticas econômicas, a expansão do capital, as mudanças do capitalismo. Isto é, a realidade mais geral do mercado também tem impacto nas condições de

⁸ As duas pessoas citadas no parágrafo, foram de total relevância para a pesquisa, tivemos algumas conversas para melhor entendimento da dinâmica do trabalho das mulheres marisqueiras.

⁹ Criado para dar garantias de renda aos pescadores artesanais de todo o País, o seguro-defeso é o benefício destinado aos profissionais que ficam impossibilitados de trabalhar no período de defeso – meses em que a pesca para fins comerciais é proibida devido à reprodução dos peixes (GOVERNO DO BRASIL, 2018, disponível em: <http://www.brasil.gov.br/editoria/emprego-e-previdencia/2018/08/seguro-defeso-saiba-quem-tem-direito-e-como-solicitar-o-beneficio>. Acesso em: 14 de agosto de 2018).

trabalho da pesca artesanal e isso precisará ainda ser melhor debatido e mais aprofundado, mas a intenção aqui foi apenas situar algumas questões iniciais.

Conforme Antunes (2002), outra tendência que gostaríamos de apontar é a da expansão do trabalho em domicílio, permitida pela desconcentração do processo produtivo e pela expansão de pequenas e médias unidades produtivas.

Seguindo o raciocínio do autor o processo que as mulheres marisqueiras do bairro Caquende estão inseridas, a compra de terceiros algumas vezes do produto (o marisco) para ser vendido, o beneficiamento e a comercialização nas suas próprias residências, este é um novo modelo de trabalho da comunidade, faz com que o trabalho seja menos cansativo, porém o ganho é menor, sendo o produto vendido, o crustáceo serão, evidentemente, repassado para o consumidor com alterações de valores. Isso termina mudando o sentido tradicional da pesca (da coleta do marisco), agora podemos falar em rede de comercialização que se entrecruza com a atividade tradicional, logo, elementos tradicionais e modernos se encontram e se correlacionam.

O surgimento da mulher marisqueira se deu no mesmo período dos homens, no século XIX, onde os escravos libertos¹⁰, sem oportunidade de emprego encontraram na pesca a opção da sua subsistência. Famílias livres começaram a se juntar e a formar comunidades próximas aos rios entornos dos engenhos. No Caquende a formação da comunidade era de ex-escravos que pertenciam ao Engenho da Vitória, que ficava perto do bairro que possuía nos seus entornos as águas do Rio Paraguaçu, que era local em que os escravos pescavam para seus senhores e para si.

As transformações ocorrem por vários fatores e alteraram às experiências vivenciadas por essas mulheres de lutas, sofrimento e de exclusão por pertencerem a uma categoria de trabalho pouco referenciada na sociedade, uma classe que apenas era reconhecida pelos seus estigmas de *sujeira ou pelo odor*, as mulheres marisqueiras foram estigmatizadas como mulheres que fediam assim como suas casas, como se o falar ou conviver nos mesmos espaços fosse algo desagradável, um preconceito social. Ou seja, havia um preconceito também com a profissão/com o trabalho em si. De acordo Koury (2011, p.234):

¹⁰ Durães, Bruno (2012). Trabalho de rua, perseguições e resistências: Salvador no final do século XIX. Os ex-escravos e a população livre resignificaram a atividade de ganho como uma forma de trabalho autônoma, uma alternativa real de existência e uma forma de autonomização. Todavia, ao mesmo tempo, esse mesmo espaço de liberdade será um espaço altamente vigiado pelo poder público (controlado), portanto, um espaço por si só anacrônico.

A noção de preconceito presente em várias respostas revela a formação de estigmas sociais graves, os quais veem os outros da relação como fora dos padrões classificatórios da cultura de que faz parte. Dentro de uma relação sujeira-limpeza, puro-impuro, estes estigmas se constituem em marcas que procuram naturalizar e impor modos de agir e posturas sociais e culturais através do qual fabrica o outro como alguém fora do lugar. Como um desclassificado social, como um ser de segunda categoria, ou mesmo, nas formas mais radicais de comportamento, como um não ser.

Nesta expectativa que algumas marisqueiras, que já passaram por constrangimentos ou algum tipo exclusão social, preferem que suas filhas não deem continuidade á profissão de marisqueira, isso é uma forma de proteção,. Todavia, esse tipo de situação poderá levar a um provável sumiço dessas mulheres exercendo esta atividade no bairro do Caquende, .

Os conflitos geracionais das marisqueiras estão presentes. As mais novas pretendem sair do trabalho no marisco ou abandonar a profissão e as que permanecem estão modificando o processo de trabalho, transformado sua atividade, exercendo a função de marisqueiras, mas apenas na *comercialização*, comprando nas mãos dos atravessadores, mesmo com pouco ganho. Todavia, hoje em dia começa a se fechar um ciclo de estigma parece se iniciar uma nova fase de valorização da marisqueira do Caquende, mas como todas as mudanças leva um período, ainda irá demorar para vermos essa revalorização na prática da atividade. Os mais velhos e a população em geral ainda não se acostumaram e continuam a acreditar que as marisqueiras estão desaparecendo na cultura e no próprio imaginário social, para eles a marisqueira simbolicamente vai ser sempre à mulher que está na beira do mar extraindo os mariscos, mas no bairro do Caquende está ocorrendo o que se pose ser chamado *segmentação geracional*. Essa é uma hipótese que levantamos em nosso trabalho ou uma constatação, a qual iremos retomar mais a frente, mas acreditamos que está ocorrendo uma mutação interna na atividade de mariscagem, as mais velhas querem continuar e sentem orgulho, enquanto as mais novas querem sair e tem vergonha dessa forma de trabalho. Segundo Karl Mannheim (1993) gerações¹¹ é uma dimensão analítica importante para a compreensão da dinâmica das mudanças sociais e de formas de pensar e de agir de uma época.

¹¹ Seguimos aqui uma ideia utilizada pelo professor Luis Flávio Godinho na sua dissertação de mestrado (2003, p.69), em que ele apresenta uma noção de como fez o uso do conceito de geração com outras noções. O autor diz que usou o conceito de geração “[...] como experiências partilhadas coletivamente num determinado contexto sócio histórico. Estamos alerta que as identidades de geração se articulam com outras como a de gênero, étnica, de classe, da faixa etária etc. A geração é vivida como compartilhamento de experiências comuns” (Idem, p.69).

Nesta nova conjuntura onde a mulher está conquistando espaços não seria diferente com a mulher marisqueira, que através de lutas conseguiu ser reconhecida como pescadora artesanal e agora querem continuar sendo reconhecidas como marisqueiras, más só não pretendem serem mais intituladas de mulheres que “fedem a siri”. Todas as entrevistadas afirmaram que se autodenominam como marisqueira e algumas enfatizaram que se sentem orgulhosas com sua profissão, uma até disse: “devo tudo de minha vida ao marisco”, iremos retomar a fala das mulheres mais à frente.

Talvez essas mudanças do processo de trabalho das marisqueiras se tornaram possíveis por que estão localizadas em uma localidade urbana, pois a de se considerar que as marisqueiras quilombolas do Iguape e de são Francisco, por pertencerem a uma comunidade ribeirinha tradicional, que a pesca é a atividade exclusiva dessa localidade e processo de trabalho permanecerá sempre diferente do Caquende que não está inserida nem como comunidade tradicional e nem quilombola, permanecendo na invisibilidade cultural e social. O Caquende é uma comunidade onde as marisqueiras tem registro de pesca o documento para garantir o seu reconhecimento como marisqueiras, são filiadas à colônia obedecendo todos os requisitos da profissão, porém não são reconhecidas e não tem seus direitos garantidos na sua totalidade.

De acordo com Godinho (2003) parece existir um mosaico¹² de classes na classe trabalhadora, as divisões de uma mesma categoria no mesmo território. Esse mosaico internamente nas marisqueiras, uma clivagem de três categorias de marisqueiras no município de cachoeira: *Marisqueiras urbanas* assim podemos chamar ás que moram no Caquende. (comercializar); *Marisqueiras rurais*; e, por fim, *Marisqueiras quilombolas*, que pertencem à bacia do Iguape e de são Francisco do Paraguaçu (extraí pessoalmente seus mariscos na maré).

Mesma categoria com especificidades diferentes, a existência da desigualdade em relação ao trabalho, o status social apenas para as quilombolas, as marisqueiras do Caquende são invisíveis para a sociedade, os direitos que as marisqueiras do Caquende não faz parte na sua totalidade, como política da saúde, capacitações e empréstimos para obter seus apetrechos de trabalho, apenas são assistidas as mulheres quilombolas.

É pertinentes falarmos sobre a Resex (Reserva extrativista marinha da Bahia Iguape), outro fato de muito relevante a comunidade do Caquende não faz parte dessa Reserva, que

¹² A ideia de Mosaico de classe foi retirada da dissertação de mestrado de Godinho (2003, p.103). O mosaico de classe se torna ainda mais complexo, pois, o terceirizado do setor de segurança discrimina os colegas terceirizados.

protegi o meio de vida das populações ribeirinhas as marisqueiras do Caquende são cadastradas na colônia que do Iguape que faz parte da Resex, mas não tem a garantia dos direitos por que não é uma área exclusiva da pesca artesanal, más uma exclusão que compromete a visibilidade das mulheres marisqueiras do Caquende. Rosário; Jeruza (2008, p.2) relatam que a reserva tem a finalidade de dar suporte à população na extração da fauna marinha de modo sustentado, sendo uma iniciativa do governo federal em conjunto com o IBAMA.

2. OS ENFRENTAMENTOS DA MULHER MARISQUEIRA: entre a identidade cultural e a sobrevivência

A Mulher marisqueira é assim intitulada quando é a mulher que extrai do rio e mangues(a maré) os crustáceos como: o siri, a ostra e o camarão. Tendo uma hegemonia com a natureza, sua principal fonte de recursos que é permeada de costumes, cultura tradicional e valores perpassados de geração para geração. Diegues (2004) ressalta que, de uma maneira muito sábia, as comunidades tradicionais conseguem utilizar e, ao mesmo tempo, conservar os recursos naturais da região em que estão inseridos, como já mencionamos antes.

Faz-se necessário um olhar mais profundo para as questões relacionadas à mulher marisqueira do Caquende, pois são várias dificuldades encontradas pelas mudanças de seus espaços de trabalho. Essas mulheres foram obrigadas a modificar seus hábitos, para garantir sua sustentabilidade e não permanecerem na invisibilidade social costumeira. Sua luta pelo espaço é uma luta diária. O ser humano fez as modificações para seus interesses, para adquirir benefícios e lucros, isso faz parte do processo do sistema capitalista, mas gerou umas séries de malefícios. As marisqueiras sentem na pele e no corpo o enfraquecimento da sua classe, gerando um meio de baixa autoestima de fazer parte de um cenário e no mesmo tempo não poder usufruir desses espaços de forma plena, pois muitas coisas lhe são negadas por serem mulheres e, também, por sobreviverem do marisco.

Ainda existem dificuldades da profissão as quais incidem às questões de gênero fortemente. O Caquende, que é um bairro urbano (isto é outra problemática) como falamos, não é reconhecido unicamente como comunidade tradicional ou ribeirinha, existem outras atividades que ocorrem no bairro, o que implica em outros sentidos. Uma população com diversos trabalhadores em diversas áreas. Alguns pescadores e marisqueiras, que pela necessidade, acabam buscando outras atividades de trabalho, como trabalho doméstico e venda de produtos cosméticos. Os homens vão para construção civil, e no período de crise econômica vão à busca de outros meios para ajudar na sobrevivência, pois viver de pesca no Caquende está cada vez mais difícil. Portanto, a atividade pesqueira em um bairro urbano e em uma Cidade é marcada também por outras formas de trabalho que se mesclam ao longo do ano, apesar da força cultural e histórica da atividade de mariscagem, mas a sobrevivência é um elemento que ganha uma centralidade maior.

São enfrentamentos diários em busca da valorização das atividades exercidas para terem o reconhecimento e direitos garantidos de mulher que vive da pesca e isso é ainda mais impactante em uma comunidade urbana, talvez tenhamos outros sentidos. Quando se vive em

uma comunidade pesqueira e quilombola como é caso dos Distritos Iguape e São Francisco. Supõe-se que os ribeirinhos tenham alguns “privilégios” por viverem em áreas onde está protegida pela RESEX e por possuírem políticas públicas próprias que, de certa forma, lhes garantem algumas vantagens, diferente do Caquende, por ser um bairro urbano, onde as mulheres marisqueiras não tem uma atenção diferenciada nos aspectos da saúde ou da assistência – obviamente que estamos registrando isso aqui apenas para melhor entender a realidade urbana, mas defendemos totalmente a existência de políticas reparadoras, compensatórias e de fortalecimento de raízes culturais e raciais dos povos. Ou seja, a existência em si da Marisqueira já é uma existência de luta, de afirmação, de resistência e de enfrentamento, mas isso se grava ou duplica quando se trata de uma Marisqueira Urbana.

O enfraquecimento das marisqueiras da “frente da maré” (como muitas trabalhadoras falam ao fazerem referência a lida com o marisco) no Caquende teve seu início logo após a última enchente em Cachoeira¹³ de 1989, neste momento ocorrem às transformações do processo de trabalho lentamente, mas com grandes impactos para a comunidade em especial na economia.

Neste contexto com tantas dificuldades como permanecer nesta categoria, e exercer um trabalho tão desvalorizado sem o mínimo de reconhecimento? As lutas são imensas para alcançar conquistas do reconhecimento como marisqueiras, ou seja, existe um grande caminho a ser percorrido.

De acordo Crenshaw (2002), submetidas a várias formas de subordinação e seus efeitos, “[...] em contextos onde forças econômicas culturais e sociais silenciosamente moldam o pano de fundo, de forma a colocar as mulheres em uma posição onde acabam sendo afetadas por outros sistemas de subordinação” (CRENSHAW, 2002, p. 176). Por ser tão comum, a ponto de parecer um fato da vida, natural ou pelo menos imutável, esse pano de fundo é, muitas vezes, “invisível”.

Outro enfrentamento é a falta de local para exercer suas atividades, as modificações do espaço devido às reformas realizadas pelo poder público municipal ao longo dos anos, visando fazer do local uma área turística, trouxe prejuízos significativos para os pescadores artesanais, a diminuição dos espaços de trabalho, ficando cada vez mais difícil de trabalhar.

¹³ As enchentes literalmente afogavam Cachoeira, causando muito sofrimento aos seus moradores, principalmente aqueles que habitavam à beira do grande rio Paraguaçu. Isso foi antes da construção da represa Pedra do Cavalo. Foi em 1989 que a cidade sofreu a sua última enchente. (Cachoeira – Cidade Heróica da Bahia). In: *A cidade afogada*. Disponível em: <<http://cachoeiradabahia.blogspot.com/2013/02/a-cidade-afogada.html>>. Acesso em 24 de agosto de 2018.

Em consequência o meio ambiente sofreu também com as interferências dos seres humanos que acaba refletindo na diminuição das espécies marinhas. Logo, a relação dos seres humanos e meio ambiente físico é um fator muito relevante para o entendimento do trabalho de marisqueira.

Segundo informações das marisqueiras há também uma disputa delas com os pescadores, disse uma Marisqueira: “temos que disputar os poucos espaços com o pescador, com a canoas e ainda com animais que ficam soltos, as modificações dos espaços onde ocorria a pesca e o local da limpeza dos crustáceos sofreram uma diminuição significativa depois da construção de uma área de lazer de um empreendimento grande, ouve se a necessidade de aterrizar uma parte da maré deveria ser feita respeitando-se as culturas das comunidades”. Os órgãos competentes pelas reformas dos espaços públicos enxergaram no Caquende um local que possui uma beleza natural única e pouco explorada, e sobre o olhar do sistema capitalista, surgiria um local de turismo e do lucro.

De acordo Yamamoto (2010 pag.53)

O capital, em seu movimento de valorização, produz a sua invisibilidade do trabalho e a banalização do humano, condizente com a indiferença ante a esfera das necessidades sociais e dos valores de uso. Potência exponencialmente as desigualdades inerentes a essa relação social, as quais são hoje impensáveis sem a ativa intermediação do Estado capitalista e das políticas econômicas e sociais implementadas.

Conforme Almeida (2004) o desenvolvimento turístico deve ser visto no seu sentido amplo, valorizando o crescimento com efetiva distribuição de renda, com superação significativa dos problemas sociais sem comprometimento ambiental, o que só pode ocorrer com profundas mudanças nas estruturas e processos econômicos, sociais, políticos e culturais de uma dada sociedade.

A mudança em relação aos aspectos turísticos surgiu do efeito esperado para o poder público, A Faceira (como se chama também o bairro do Caquende, como falamos), era visto como um local sujo, vários animais soltos, atualmente tem uma belíssima paisagem e é bem visitada por turistas, o seu parque e os quiosques sempre estão movimentados. Para as mulheres marisqueiras a maré vai além de calçadão ou área de lazer, para elas quando se mexe com a natureza (seja colocando um calçamento ou fazendo obras próximas ao leito do

Rio e da maré) ou mesmo com seu espaço se desrespeita as tradições como relatados pela “vovó do mangue”¹⁴, pelas marisqueiras e pescadores mais velhos.

De acordos com relatos dos pescadores as marisqueiras querem proteger os rios e mangues. Eles têm muito respeito por elas e também se preocupam com essas mudanças realizadas pelos seres humanos, como disse Marx no século XIX sobre essa relação com a natureza e sobre a ideia de totalidade existente entre seres sociais e meio natural, evidenciando como existe uma simbiose ou unidade entre os dois:

O ser humano vive da natureza e significa que a natureza é seu corpo, com o qual ele precisa estar em processo contínuo para não morrer. Que a vida física e espiritual do ser humano está associada à natureza não tem outro sentido do que afirmar que a natureza está associada a si mesma, pois o ser humano é parte da natureza (MARX, 1968, p. 516).

De acordo com Ferrater-Mora (1986, p.174).

O antropomorfismo é a tendência a considerar realidades não humanas (deuses, astros, fenômenos naturais, montanhas etc.) a partir da forma (figura) do homem. Pode-se entender como algo mental, em cujo caso a forma humana é a ‘forma’ de comportamento, pensamento, vontade e sentimento e humanos. Pode-se entender como ‘semelhante ao homem’, sem que se precise em que consiste a semelhança.

As lendas dos povos tradicionais e o respeito a sua cultura que perpassam gerações e, de certa forma, explica um pouco dessa conexão ser humano-natureza, ou seja, compreender isso é importante também para entender o lugar que o trabalho ocupa nesse imaginário social.

Com a exploração do local, evidentemente ocorreram o sumiço das espécies, e, logo, as marisqueiras tiveram que comprar o produto em outro local, na mão de terceiros, chamados atravessadores, que compram a mercadoria com o preço mais elevado, tendo que revender o produto pra seus clientes com outro preço, mais alto, e, muitas vezes, tendo prejuízo de não

¹⁴ No passado, oferendas eram feitas a Vovó do Mangue que, agraciada, garantia abundância de mariscos, crustáceos e pescados e assegurava o bom retorno às suas casas, pois uma pequena ofensa ao mangue fazia-os perderem-se no manguezal. Assim, “caçadores de peixe” e marisqueiros, ofereciam charuto, aguardente, um dente de alho e pó (rapé) antes de se aventurarem ao trabalho (MEUS SERTÕES, 2018, Disponível em: <http://www.meussertoes.com.br/2018/03/21/7512/>. Acesso em: 15 de agosto de 2018). Junto a isto, a origem do nome está ligada a uma lenda local (cidade de Maragogipe-Ba) cultuada pelos pescadores, que dizem que a Vovó do Mangue é uma velha rabugenta que castiga aqueles que fazem mal ao manguezal. Disponível em: <<http://vovodomangue.org/site/quem-somos/>>. Acesso em: 24 de agosto de 2018. Senhora negra que aparece representada pela lenda sempre fumando um charuto e com um pedaço de pau para se apoiar ao caminhar.

conseguir vender a mercadoria e ficar com o produto em estoque ou perder o produto (pois é um produto perecível).

2.1 Mulheres marisqueiras e o meio ambiente

A degradação do meio ambiente se intensifica após a revolução industrial no século XVIII, tendo por base um conjunto de mudanças no processo de trabalho. O trabalho manufatureiro, trabalho feito diretamente pelo ser humano, portanto, era realizado em menor escala com menos impacto ao meio ambiente e com a expansão da tecnologia, à utilização das máquinas dando a consolidação do sistema capitalista, onde se cresce o mercado consumidor exigente e aumenta a poluição e etc.

Tendo que produzir muito em pouco espaço de tempo e o produto precisava chegar a um tempo menor ao consumidor gerando construções de várias indústrias. Para que o produto chegasse rápido eram transportados pelos trens com uso de carvão que prejudicava o ar e o ambiente, trazendo prejuízos deixados até os dias atuais. A burguesia se apropriava do meio ambiente, mas nos séculos passados também não se tinha preocupação com a preservação, não se preocupavam com esgotamento dos recursos naturais, que certamente em algum momento poderia acontecer.

Casseti (1991, p.17) afirmou que:

As transformações sofridas pela natureza, através do emprego das técnicas no processo produtivo, são um fenômeno social, representado pelo trabalho, e as relações de produção mudam conforme as leis, as quais implicam a formação econômico-social e, por conseguinte, as relações entre a sociedade e a natureza.

Assim, além de impactar a natureza com a expansão industrial e capitalista, também podemos observar, conforme Marx, que houve concentração das riquezas produzidas ou apropriação de pequenos grupos do trabalho alheio e da natureza.

Segundo Dierkes (1998, p.06),

Através da sua dinâmica produtivista (a lógica quantitativa como elemento constitutivo da produção de mercadorias) o capitalismo é claramente incapaz de uma utilização sustentável e duradoura de recursos e energias e de uma manutenção do equilíbrio ecológico.

Neste contexto onde não se tinham uma visão de educação ambiental, nem leis de proteção ao meio ambiente, às mazelas deixadas, a utilização do carvão mineral para o transporte das mercadorias foi uns dos fatores determinantes para poluição do ar. Não se preocupavam onde seriam despejados os dejetos e os problemas ambientais perpetuam até os dias atuais. Essa *tendência destrutiva do capital* reside em sua natureza, mesmo como “[...] contradição viva: ao subordinar a produção aos imperativos da acumulação, o capital não pode sustentar-se indefinidamente, sem que os avanços tecnológicos e científicos por este obtido resultem em crescente perdularidade e destruição” (SILVA, 2010, p. 47 e 48).

Nos últimos anos, estudos e debates têm ocorrido em relação a essas questões ambientais, várias entidades e órgãos não governamentais estão cada vez mais se aprofundando nesses assuntos para melhor compreender os danos causados pela exploração do meio ambiente tentando buscar soluções para sanar ou diminuir a agressão sofrida que o meio ambiente passou e passa pelo ser humano. Sendo assim, a finitude dos recursos naturais supõe que se repensem as relações entre os seres humanos e o meio ambiente (IRIGALBA, 2007).

No município de Cachoeira as questões sobre o meio ambiente estão bem ligadas ao rio Paraguaçu. As transformações ocorridas logo após a construção da Barragem Pedra do Cavalo na década de 80 representaram inúmeros problemas às populações que vivem das atividades pesqueiras.

Foram grandes os impactos que atingiram os pescadores artesanais de Cachoeira em especial as marisqueiras do Caquende que dependem do rio Paraguaçu para sua sobrevivência, uma relação desigual no sistema capitalista. As marisqueiras foram as que mais sofreram com esse processo, por estarem próximas à barragem, e isto piorou a situação em pouco tempo, visto que um território que era abundante em peixes e crustáceos em pouco tempo desapareceu.

Segundo (HORTELLANI et al, 2008) o ecossistema aquático vem sofrendo diversas consequências em relação aos impactos ambientais descritos anteriormente, por exemplo, a contaminação microbiológica, a alteração da biodiversidade, o acréscimo de matéria orgânica no meio marinho e o enriquecimento por nutrientes, podendo causar eutrofização¹⁵ e a deposição de resíduos sólidos nos sedimentos marinhos.

¹⁵ A eutrofização (ou eutroficação) é um processo normalmente de origem antrópica (provocado pelo homem), ou raramente de ordem natural, tendo como princípio básico a gradativa concentração de matéria orgânica acumulada nos ambientes aquáticos RIBEIRO, Krukemberghe Divino Kirk da Fonseca. "Eutrofização"; *Brasil Escola*. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/biologia/eutrofizacao.htm>>. Acesso em 15 de agosto de 2018.

De acordo com os pescadores a barragem libera uma água muito forte em que o camarão, a pititinga, o sururu e os chumbinhos, crustáceos mais encontrados na região não conseguem sobreviver, são arrastados com a força da água, portanto, também é interessante ressaltar que as enchentes antes da construção da barragem traziam muitos prejuízos nessa direção, como perdas de imóveis e bens materiais. As doenças, como a cólera, traziam muitas consequências antes da barragem para cidades de Cachoeira e São Félix, porém a população ribeirinha sentiu as dificuldades para sobreviver mais diretamente, como sustentar uma atividade em um local que não existem peixes e crustáceos.

Por um grande período os pescadores e marisqueiras procuravam respostas para suas indagações, levando em conta que era única atividade que essas mulheres sabiam praticar, a mariscagem, que era sua fonte de sobrevivência, para elas o rio ou a maré no seu entendimento não eram apenas o local de exercer suas atividades, era onde estavam suas histórias, suas experiências, sua vida. Dessa maneira, o impacto ambiental representava mais do que a destruição econômica dessas mulheres, mas era também a destruição simbólica e cultural. Elas se preocupam em preservar o meio ambiente em meio à simplicidade do seu conhecimento, sabem que daquele local que se encontram os recursos necessários para sua sobrevivência e para sustentar sua família.

Para o sistema capitalista o importante é obtenção de lucros, sem respeitar a fauna a flora. À sustentabilidade no trabalho das marisqueiras fica evidenciada na preocupação em preservar o meio pelo qual retiram sustento com atitudes simples, como limpeza da área que mariscam, com a retirada de resíduos sólidos, prevenir o dano ao ambiente como melhor método de proteção, adotar padrões de tamanho adequados para a captura do molusco e garantir o bem bem-estar da sustentabilidade ecológica (CASTRO, 2000).

As marisqueiras do Caquende ainda têm outras preocupações, como uma fábrica de papel, que, segundo relatos das marisqueiras, jogam dejetos no rio que impossibilitam o seu trabalho, e acabam desencadeando problemas de saúde e os crustáceos morrem ou desaparecem devido às contaminações provocadas pela fábrica. A educação ambiental na cidade de Cachoeira se faz necessário, esta prática das atividades de preservação do meio ambiente, dos cuidados necessário em relação a manter o rio Paraguaçu limpo, conscientizar turistas e a população em geral para não jogar dejetos no rio; o lixo reciclável, a preservação dos animais marinhos, a própria capacitação aos pescadores que cuidam do meio ambiente na sua percepção são instrumentos fundamentais para o bom convívio com a natureza.

De acordo com Layrargues (2001, p.16):

[...] a educação ambiental se funda e se constitui como uma função social das mais desafiadoras que o ser humano jamais se deparou: a incorporação da dimensão ambiental não apenas na educação, mas em todo o tecido social, em todas as manifestações simbólicas e materiais do ser humano; na perspectiva de uma adequação de visão de mundo que esteja em sintonia com o constrangimento ambiental que a crise ecológica impiedosamente nos submete.

As questões de preservação do meio ambiente é um tema que vem sendo bastante abordado após a discussão sobre o aquecimento global tem ocorrido também. A extinção de espécies e diminuição dos recursos hídricos, pessoas de referência no assunto, instituições não governamentais e sociedade civil estão se unindo em busca de soluções para amenizar os impactos ambientais, porém a lógica do consumismo e do capitalismo é muito forte e sempre emperra o avanço da preservação. Na cidade de Cachoeira tem um grupo “amigos do Rio Paraguaçu”, cerca de 30 associados, que fazem um trabalho de conscientização com recursos próprios.

Seu público são os jovens universitários e estudantes do ensino médio, o trabalho é contínuo de palestras, visitas nas escolas e entrega de panfletos no cenário onde se encontra o rio Paraguaçu. É perceptível a necessidade de um trabalho em conjunto com o órgão ligado a estas questões como a Secretaria do Meio de Ambiente, a Empresa Baiana de Águas e Saneamento S.A (Embasa), e a empresa Votorantim que é responsável pela barragem. A sociedade civil como um todo, a partir desse processo, poderia se conscientizar mais em melhorias aos danos causados no meio ambiente.

Segundo Marins et al. (2005) e Maia (2006) vários países buscam estratégias que minimizem a contaminação ambiental nas inúmeras baías e estuários que sofrem com a poluição oriunda da exploração de recursos minerais, comprometendo assim os habitats marinhos e a população ribeirinha que residem e sobrevivem da pesca, mariscagem, artesanato entre outras atividades.

A construção da barragem foi um processo de exclusão não só dos peixes e dos crustáceos, mas também da marisqueira do Caquende, que mesmo sendo conhecedora da maré, viram a necessidade de *modificar seu processo de trabalho* e até mesmo a localidade para trabalhar, em um tempo em que se extraíam seus crustáceos em frente das suas casas passaram até querer ir para outras localidades mais distantes de sua residência, gerando mais gastos financeiros e menos lucros.

As transformações que o sistema capitalista trouxe foram tão fortes para essas mulheres, que a comercialização tornou-se tarefa difícil, ocorrendo à diminuição das vendas,

pois o cliente teria dúvidas com relação à qualidade do produto (origem/procedência). Já que o rio Paraguaçu estava passando por várias transformações relacionadas às questões ambientais referidas a poluição da água. O sistema capitalista atingiu as classes mais baixas, tendo em vista que os mais prejudicados são os pescadores e marisqueiras, ou as comunidades tradicionais que necessitam desse recurso natural para sua sobrevivência. Além do impacto cultural e simbólico correlacionado, pois se a prática da mariscagem desaparece ou vai para outro local termina matando também com um passado rico de manifestações culturais e de simbologias de povos e grupos.

Segundo HERCULANO (1998), é também a população socialmente mais vulnerável que sofre, mais fortemente, as consequências da chamada crise ecológica. Prejuízos emocionais, na saúde e no financeiro.

2.2 Mulheres marisqueiras: geração, gênero e saúde.

A Mulher marisqueira, gênero feminino, não lança rede e nem adentra ao fundo do mar para pescar o peixe, são atividades socialmente exclusivas dos pescadores, mas que são tidas como “naturalmente” de homens, ou seja, são diferenciações sociais que foram se sedimentando, mas que muitos tentaram justificar como determinações naturais ou sobrenaturais. As mulheres permanecem à beira dos mangues e maré, catando os mariscos, limpando e fazendo o beneficiamento dos peixes, a arte da mariscagem, a atividade exercida com as mãos com ajuda de alguns apetrechos exclusivos das mulheres.

Segundo Marx (1974), os instrumentos de trabalho são muito importantes para distinguir uma época econômica de outra. Algumas marisqueiras também comercializam diretamente seus produtos nas feiras livre e no comércio, uma profissão marcada de diferenças impostas de gênero desde seu surgimento, e que coloca o homem numa construção cultural sendo o centralizador que detém o poder.

Segundo Gonçalves (2006, p.47) “[...] as relações de gênero são permeadas de hierarquias e desigualdades entre homens e mulheres desde o princípio da história dos seres humanos, pois a própria literatura reforçava as relações de submissão do sujeito feminino”.

Kergoat (2003) destaca que os princípios da separação e da hierarquia seguem, a seu ver, a ideologia naturalista que prima pelo determinismo biológico, cuja explicação está no destino natural da espécie, empurrando desta forma, o gênero para o sexo biológico.

Sobre esta noção Bourdieu (2010, p.20) nos diz que:

[...] a diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, podem assim ser vistas como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho.

De acordo com a posição defendida por Scott (1995), o gênero pode ser entendido de duas maneiras, como “[...] um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos”, e como “[...] uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86). Para a Scott (1990), o gênero indica construções sociais na medida em que expressa a criação social de ideias sobre os papéis dos homens e das mulheres. E, desta forma, é uma[...] “**categoria social imposta** sobre um corpo sexuado” (SCOTT, 1995, p.75, grifo nosso).

O homem e a mulher desempenham, portanto, as mesmas atividades de pesca artesanal, porém, o peixe é o produto que o homem extrai do mar e que tem mais valor no mercado. De acordo com Peirano (1975), o que as mulheres capturam são definidos como não peixes, e, assim sendo, o que elas fazem não é considerado pesca, “[...] no máximo uma complementação do trabalho masculino ou reforço alimentar” (PEIRANO, 1975, p. 3), sustentando a ideia de ajuda no orçamento familiar.

Colocar a mulher em uma situação de invisibilidade e subalternidade faz com que o homem seja sempre visto (no caso aqui descrito) como o pescador que sai para o mar para sustentar sua família, já a mulher é apenas vista como *ajudadora* e que está sempre cuidando dos afazeres familiares e a espera do regresso do marido. Um reconhecimento difícil e permeado de exploração, além dos trabalhos na maré que necessitam das condições do tempo e da maré. Esta marisqueira é mãe, mulher e com dupla jornada de trabalho exercendo as atividades domésticas e a da pesca (em casa e na rua). Atualmente, há muita relevância em chamar as marisqueiras de pescadora ou a arte da mariscagem de pesca, por se tratar de conquistas e assim que desejam serem chamadas e apresentadas, representando uma forma de afirmação e de empoderamento.

Depois de muitas lutas de classes e de gênero, várias mulheres marisqueiras, em especial as do recôncavo, lutaram por ter seus direitos previdenciários garantidos e mostraram que não são frágeis, e obtiveram êxito. Estão assistidas pela Lei nº 11.959 de 29 de junho de 2009, que dispõe sobre a política nacional de desenvolvimento sustentável e da pesca, no Art.2, inciso III. A pesca e toda operação, ação ou ato tendente a extrair, colher apanhar, aprender ou capturar.

Sendo considerada uma pescadora artesanal da mesma classe dos homens, outro aspecto considerável é que a mulher marisqueira do Caquende não se vê diferente do pescador, uma marisqueira disse: “somos pescadoras também, se não fosse assim, seria como então?”, outra disse: somos “marisqueiras e pescadoras”. Considerando outras localidades que tem marisqueiras como é o caso da bacia do Iguape, em que existem vários estudos demonstrando a insatisfação das marisqueiras. Apresentam também dificuldades relatadas em que o pescador e o seu produto são mais valorizados, afirmando assim as desigualdades sociais entre as relações de gênero. Ao contrário, as marisqueiras do Caquende afirmam que não tem diferença entre eles, em relação ao seu produto, afirmando que ambos têm o mesmo valor e que identificam o preconceito nesse sentido, muitas falaram que elas precisam ser mais respeitadas pela sociedade, pois historicamente cumpriram uma função social e ocuparam, muitas vezes, o papel central no sustento e manutenção de suas famílias.

Considerando que a maioria é casada com pescador ou tem um pai ou irmão que faz parte desta categoria, existe uma divisão de atividades, mas, acontece de forma correta, e que os ganhos dos pescadores e das marisqueiras não se tem diferenças. Existem períodos em que o seu produto, o marisco, apresenta maior valor econômico do que o peixe.

A Constituição Federal de 1988 no seu Art.196 reconheceu a saúde como direito de todos e dever do estado, garantindo mediante as políticas sociais e econômicas que visem a redução do risco de doenças e de outros agravos e o acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação (BRASIL, 1988).

O estado deve garantir todos os direitos de zelar e de proteger todos os cidadãos de forma igualitária sem diferenças de raça ou sexo, condição financeira e/ou até mesmo a localidade onde o indivíduo residir. Promover o direito a saúde de todos deve ser fundamental, mas, infelizmente não estamos vendo essa proteção.

Às mulheres marisqueiras do Caquende não tem um programa público específico uma ação exclusiva para cuidar e zelar da sua saúde e das especificidades, ficando vulnerável a todo tipo de doenças do corpo e da mente, ou seja, carecem de um apoio e proteção social.

Segundo Laurell e Noriega (1987), na sociedade capitalista, por exemplo, o conceito de doença explícita está centrado na biologia individual, fato que lhe retira o caráter social. O conceito de doença oculta, quer dizer, que está subjacente na definição social do que é doença, refere-se à incapacidade de trabalhar. Não há dúvida de que o conceito de saúde-doença como condição para o trabalho está contido neste marco histórico que é o capitalismo, é nesta conjuntura que as mulheres marisqueiras trabalham de forma precária. A condição de vida e de trabalho da mulher marisqueira é, quase sempre, extremamente precária e insalubre

também, por vezes são acometidas de doenças resultantes da própria atividade, voltaremos a isso mais a frente.

Segundo Scliar (2007) o conceito de saúde reflete a conjuntura social, econômica, política e cultural. Saúde não representa a mesma coisa para todas as pessoas. Dependerá da época, do lugar, da classe social e de valores individuais.

Mulheres que trabalham em condições de exclusão, insalubres sem um mínimo de proteção, colocam em risco sua saúde todos os dias. Como não estão inseridas em nenhuma política, essas mulheres são atendidas nos postos de saúde, porém são tratadas ou acolhidas como mulheres normais, sem nenhuma diferença pela realidade em que estão expostas, assim, a política de saúde terminam sendo desigual no acolhimento, pois deveria ter um olhar diferenciado para as diferenças sociais e do trabalho das pessoas e não faz isso. Se existisse uma ação de prevenção de danos, essas mulheres poderiam ter uma qualidade de vida melhor, e poderiam ter um acompanhamento, se faz necessário conhecer a suas atividades e como vivem essas mulheres para se pensar em estratégias que promovam uma saúde de qualidade.

De acordo Rodrigues et al. (1992) também se recolocam as questões da saúde e cidade, e que podem ser caracterizadas por dois aspectos principais, não excludentes entre si, que são: o acesso aos serviços públicos da saúde e a articulação de um novo conceito de saúde – enquanto qualidade de vida – que contemple outras dimensões da vida humana, inclusive suas interações com o ambiente protegido.

Faz-se necessário a implantação de uma política na comunidade direcionada às marisqueiras, pois os postos de saúde do Iguape e de São Francisco tem o programa dos quilombolas, como todas marisqueiras que moram naquelas localidades são quilombolas, existe um atendimento e atenção à saúde diferenciada, já o do Caquende, como é urbano, não desempenha esta função.

"A saúde é, antes de tudo, uma sucessão de compromissos com a realidade" (DEJOURS, 1986, p.11). Ademais, trabalho e saúde são dois lados de uma mesma moeda e precisam ser conectado um com o outro na prática. A saúde é estar bem, ter disposição, higiene, uma boa alimentação. Existem verminoses específicas que acometem muitos pescadores que utilizam as águas dos rios e estão suscetíveis a serem infectados, a mais conhecida "*schistosoma mansoni*"¹⁶. Nos postos de saúde diariamente se notificam essa

¹⁶Helminto trematódeo causador da esquistossomose, popularmente conhecida no Brasil como "Barriga d'água", "Xistose" ou "Bilharziose". A Esquistossomose é um indicativo sócio-econômico importante, estando relacionada à pobreza. No Brasil, ocorre nas regiões Norte, Nordeste, e no norte das regiões Sudeste e Sul. Há aproximadamente 150 milhões de infectados por esquistossomatídeos no mundo, sendo 5 milhões só no Brasil

doença, que precisa ser tratada rapidamente, e que está ligada as condições socioeconômica dos indivíduos, é de se notar que o posto de saúde ainda encontra dificuldades para a prevenção dessas doenças.

Corroborando Besen e et al (2007) mencionam que a estratégia Saúde da Família tem como papel principal a prática educativa, voltada para a promoção da saúde, abrangendo um conjunto de atividades com a finalidade de melhorar as condições de bem-estar e acesso aos bens e aos serviços sociais.

De acordo com as marisqueiras todas sentem coceiras, dores nas pernas e colunas, porém não levam essas queixas para o posto médico, pois por um lado sentem vergonha de falar e por outro ficam com receio de dizer que isso é resultante do trabalho que fazem, ficam com receio das pessoas ridicularizarem a situação. Buscam tratar em suas próprias residências ou adentram outros meios médicos, o que faz com que não sejam gerados dados para a saúde pública, e assim não tem como o município realizar um trabalho de prevenção ou associar as doenças ao trabalho exercido. Evidenciaremos nos relatos e através das falas das entrevistadas a falta de atenção e de políticas públicas destinadas a essas mulheres marisqueiras urbanas mais à frente.

3. AS MARISQUEIRAS DE CACHOEIRA: transformação, resistência e desaparecimento social.

3.1 Entre a história do trabalho de marisqueira e o fim de uma categoria profissional

Buscou-se nessa pesquisa conhecer as particularidades das mulheres marisqueiras do Caquende e quais as razões possíveis das mudanças no processo de trabalho nas margens do rio Paraguaçu na cidade de Cachoeira-Ba. E para se alcançar o objetivo esperado foi utilizado um questionário estruturado com 24 questões e aplicado com 20 mulheres da comunidade (de diferentes gerações e idades). O questionário foi, portanto, a principal fonte de dados, mas também foi respeitada a liberdade das falas das entrevistadas, que, muitas vezes, traziam informações e experiências para além das perguntas postas. Assim, levamos em consideração não apenas as respostas das perguntas, mas também todos os relatos e experiências narradas pelas entrevistadas que foram utilizados no relatório de campo, bem como no corpo do presente texto.

De acordo Lakatos (2007) a “[...] entrevista é uma conversação efetuada face a face, de maneira metodológica; proporciona ao entrevistador, verbalmente, a informação necessária, tipos: padronizada, estruturada, despadronizada ou não estruturada, painel” (LAKATOS, 2007, pág. 224). Segundo (LODI, 1974 *apud* LAKATOS, 1996):

[...] as entrevistas estruturadas são elaboradas mediante questionário totalmente estruturado, ou seja, é aquela onde as perguntas são previamente formuladas e tem-se o cuidado de não fugir a elas. O principal motivo deste zelo é a possibilidade de comparação com o mesmo conjunto de perguntas e que as diferenças devem refletir as diferenças entre os respondentes e não diferença nas perguntas (LODI, 1974 *apud* LAKATOS, 1996, p. 71).

Conforme Severino (2007), esse tipo de pesquisa com questionário e com contato direto com o pesquisado/a enriquece a informação, diz: “Trata-se, portanto, de uma interação entre pesquisador e pesquisado, visando apreender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam” (SEVERINO, 2007. p. 118).

A realização dos questionários estruturados foi pensada em obter as informações importantes para a pesquisa respeitando os prazos e regras, com perguntas formuladas que dessem conta de valorizar a própria história e a cultura das mulheres. Também foi levado em consideração, na fase da coleta de dados, o fato das pesquisadas nunca terem participado de entrevista, assim, tivemos alguma resistência em conseguir as entrevistas, mas isso já estava previsto¹⁷.

Foram muitas idas e vindas ao bairro após obter à confiança das trabalhadoras marisqueiras. Fez-se necessário informar sobre os critérios de sigilos mediante todas as informações dadas e tratadas, como também se fez necessário que a entrevistadora além de convencer sua entrevistada, fosse relevante na orientação para esclarecer as dúvidas, antes de seguir com a pesquisa. E, cabe registrar, que tomamos esse cuidado. Isso foi feito para que não ocorressem problemas futuros e que a entrevistadas não relatem-se os fatos sem a veracidade necessária, ou omitissem informações importantes para a pesquisa. “A **arte do**

¹⁷ Cabe registrar que sou oriunda do próprio bairro onde a pesquisa foi realizada e sempre tive relação de proximidade com algumas trabalhadoras do marisco, apesar de não ser Marisqueira. Isso, inclusive, facilitou no processo de confiança para que elas aceitassem participar da pesquisa. Ou seja, eu estava próxima das mulheres, apesar de não ter o mesmo trabalho que elas, portanto, tinha proximidade, mas também diferenças e afastamentos (distanciamento), o que também é importante na construção de uma pesquisa (proximidade e distanciamento ao mesmo tempo).

entrevistador consiste em criar uma **situação** onde as respostas do informante sejam fidedignas e válidas” (SELLTIZ 1987: 644, grifo nosso).

A pesquisa foi de caráter exploratório, com pesquisa de campo, com objetivo de auferir sobre a realidade dessas mulheres, sendo utilizada revisão da literatura também como base para compreensão do fenômeno pesquisado. De acordo com Severino (2007), a pesquisa bibliográfica é utilizada para contribuir em análises das apreensões que seriam obtidas em pesquisa de campo, de modo a comparar a teoria dada na realidade social no cotidiano de vida dessas mulheres marisqueiras com o que diversos autores/as já haviam conceituado. Afirma Severino (2007) que

[...] a pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos (SEVERINO, 2007, p. 122).

Além da pesquisa bibliográfica também foi utilizado dados secundários para embasar a análise desenvolvida e fortalecer a compreensão da realidade estudada. Essas pesquisas podem ser classificadas como pesquisa: bibliográfica e estudo de caso (GIL, 2007).

O bairro do Caquende foi o local escolhido para nossa pesquisa de campo. De acordo com Minayo (1994), a pesquisa de campo é “[...] o recorte que o pesquisador faz em termos de espaço, representando uma realidade empírica a ser estudada a partir das concepções teóricas que fundamentam o objeto da investigação” (MINAYO, 1994, p. 53). Isto é o mesmo que dizer: é a escolha de uma área para testar a teoria da pesquisa ou para chegar em novas formulações.

Segundo Ruiz (1976), “[...] a pesquisa de campo consiste na observação dos fatos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados e no registro de variáveis presumivelmente relevantes para ulteriores análises (RUIZ, 1976, p. 50)”. Em campo, podemos estabelecer relações constantes entre determinadas condições e determinados eventos observados.

A coleta de dados se faz presente também na pesquisa quantitativa, que é centralizada na objetividade, que a partir das amostras quantificadas se chega em respostas necessárias para o campo de estudo.

Esclarece Fonseca (2002):

[...] diferentemente da pesquisa qualitativa, os resultados da pesquisa quantitativa podem ser quantificados [e generalizados]. Como as amostras geralmente são grandes e consideradas representativas da população, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa. A pesquisa quantitativa se centra na objetividade. Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros. A pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc. A utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente [...] (FONSECA, 2002, p. 20).

De acordo com POLIT; BECKER E HUNGLER (2004) é apresentada uma comparação entre.

[...] a pesquisa quantitativa, que tem suas raízes no pensamento positivista lógico, tende a enfatizar o raciocínio dedutivo, as regras da lógica e os atributos mensuráveis da experiência humana. Por outro lado, a pesquisa qualitativa tende a salientar os aspectos dinâmicos, holísticos e individuais da experiência humana, para apreender a totalidade no contexto daqueles que estão vivenciando o fenômeno (POLIT, BECKER E HUNGLER, 2004, P. 2010).

De acordo com Severino (2007), as abordagens quantitativas consideram tudo que pode ser quantificado, o que significa traduzir em números os dados coletados para classificá-los e analisá-los, [como exemplo os questionários respondidos pelas marisqueiras que foram arrumados em gráficos para melhor compressão dos resultados.]

As entrevistas foram realizadas nos período de 29 e 30 de junho de 2018 com as mulheres marisqueiras, mas fizemos cerca de 15 visitas antes e após a aplicação dos questionários tanto na casa das trabalhadoras quanto no local de trabalho. Essas visitas e conversas não sistematizadas que realizamos também serviram como fonte de informações e dados. As pesquisadas são todas naturais do município de Cachoeira. As entrevistas foram realizadas nas suas residências com questionário estruturado e no dia 10 de julho de 2018 foi realizada entrevista com o presidente da Colônia de pescadores/as o Sr. Erivaldo Araújo, que fez relatos importantes sobre o trabalho da pesca no município de Cachoeira. Portanto, a pesquisa de campo contou com: 1) 20 trabalhadoras marisqueiras entrevistadas; 2) 01 entrevista gravada com o presidente da Colônia de Pescadores/as; e, por fim, 3) Cerca de 15 visitas nas casas das trabalhadoras e nos locais de trabalho.

Depois de realizados a coleta de dados, foi necessárias análises das respostas que foram divididas por categorias interligadas ao assunto proposto para melhor compreensão e organização da pesquisa. Como diz Bardin: “[...] os documentos retidos devem ser adequados, enquanto fonte de informação, de modo a corresponderem ao objetivo que suscita a análise” (1977, p. 98). Assim, sentimos a necessidade de fazer uma pesquisa diversificada para melhor alcançar o entendimento da realidade circunscrita.

Através dos gráficos produzidos do perfil das trabalhadoras foi possível demonstrar com mais clareza as respostas, as análises foram agrupados e gráficos, tabelas e registro da fala e foi utilizado o programa Word e Excel para elaboração dos gráficos, facilitando a organização dos resultados. De acordo com (LEVIN; FOX 2004) o gráfico em setores é um gráfico circular cujos setores perfazem 100% que constitui como um dos métodos mais simples de representação gráfica e é útil para mostrar as diferenças em frequências ou porcentagem entre categorias de uma variável.

Esse tipo de exposições (por gráfico e tabelas) é fundamental para preservação da imagem das entrevistadas, que não querem seus nomes divulgados, para identificação cada mulher entrevistada serão chamadas por nomes fictícios, algumas entrevistadas aceitaram tirar fotos e gravar suas vozes e outras não, mas ambas terão seus direitos respeitados.

Foi aplicado as 20 entrevistadas um mesmo questionário estruturado, com perguntas relacionadas à sua realidade encontrada no seu processo de trabalho, foi utilizado também o método da pesquisa empírica, que foi uma forma de conhecer a realidade e os aspectos relevantes dessas mulheres. As perguntas relacionadas foram: *idade, escolaridade, filhos, renda familiar, moradia, valor do produto comercializado e rotina do trabalho*. Demo (1994, p.37) explica o significado dos dados empíricos: “O significado dos dados empíricos depende do referencial teórico, mas estes dados agregam impacto pertinente, sobretudo no sentido de facilitarem a aproximação prática”.

De acordo com Demo (2000), a pesquisa empírica “[...] é a pesquisa dedicada ao tratamento da ‘face empírica e fátual da realidade’; produz e analisam dados, procedendo sempre pela via do controle empírico e fátual” (DEMO, 2000, p. 21). Nesse sentido, Minayo (2008) “[...] esclarece que essa técnica nos permite caminhar na descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado” (MINAYO, 2008, p.84).

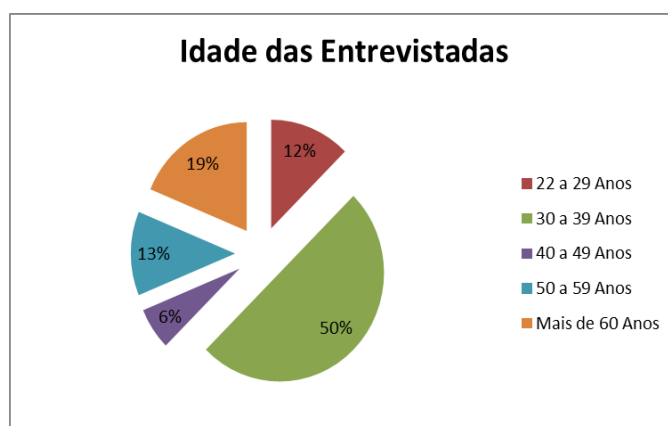
Apesar de termos feito à coleta de dados no processo de construção da pesquisa, ocorrem algumas vezes a necessidade de voltar no campo para observar com mais precisão o

processo de trabalho das mulheres marisqueiras, dessa maneira, tivemos que retornar depois a conversar com algumas trabalhadoras para concluir o processo de pesquisa.

Abaixo veremos alguns aspectos apanhados através da entrevista estruturada que foi realizada com vinte marisqueiras, o que não representa uma totalidade, portanto, os dados aqui coletados são uma expressão aproximada da realidade: existem hoje cerca de 1.500 pescadores cadastrado na colônia Z52, com aproximadamente 150 marisqueiras do bairro do Caquende.

Entre as vinte mulheres marisqueiras do Caquende entrevistadas, podemos indicar que entre as entrevistas a faixa etária varia de 22 a 60 anos, há um predomínio entre 30 a 39 anos com 50% das pesquisadas, mas se somarmos a esse percentual a faixa anterior de 22 a 29 anos, chegamos a uma maioria de 62% que podemos considerar como jovens (ou jovens e adultos jovens). Ou seja, isso em si pode indicar o processo de continuidade e renovação da atividade. A faixa etária das marisqueira demonstra também outra leitura, que remete a tradição e a influência geracional na atividade, demonstrando que esse trabalho continua sendo repassado de geração para geração, sendo observada que mulheres de 60 anos ainda continuam exercendo a função da mariscagem (cerca de 20%) e transmitindo seus conhecimentos mesmo já se encontrando nas condições de aposentada e/ou completando sua renda. E quando somamos a faixa imediatamente anterior, de 50 a 59 anos, temos um percentual de cerca de 32%. Desse modo, percebe-se que o trabalho de Marisqueira ainda parece ser composto também por uma parcela significativa de pessoas com mais idade. Isso pode ser expressado através do gráfico 01 a baixo:

Gráfico 1: Marisqueiras de acordo com a idade.

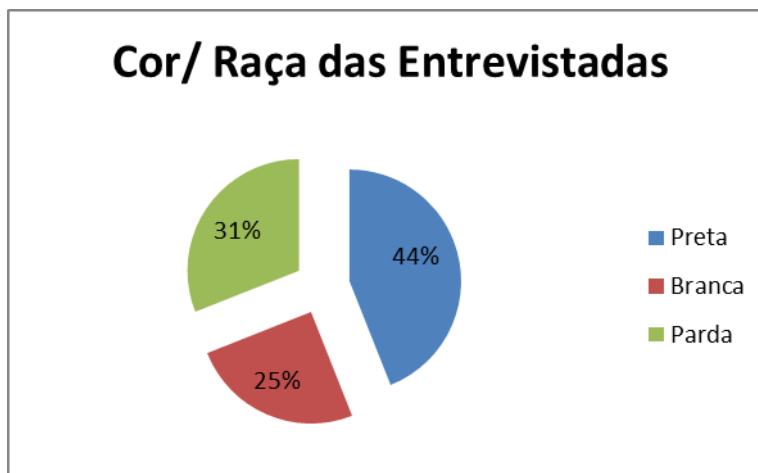


Fonte: Pesquisa direta, 2018.

As entrevistadas responderam em quanto à cor da pele/raça, 25% das entrevistadas se consideravam brancas, 31% se denominaram pardas e 44% das mulheres se consideram

pretas. Se juntarmos os resultados das pretas e pardas teremos 75% de mulheres negras na sua maioria evidenciando que essa profissão está ligada a população negra. Quanto a isto, o gráfico apresenta da seguinte forma:

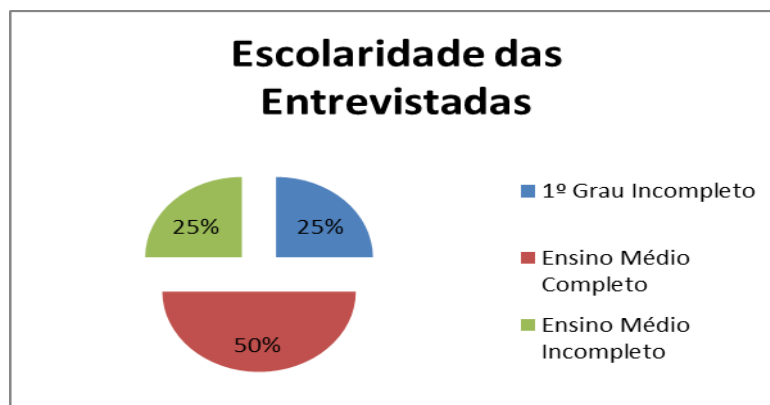
Gráfico 2: A cor/raça das marisqueiras



Fonte: Pesquisa direta 2018.

Com relação à escolaridade, houve empate entre 25% das mulheres que possuem o primeiro grau e segundo grau incompleto, o maior índice foi segundo grau completo com percentual de 50%, descaracterizando a ideia que a mulher marisqueira tem pouco estudo, todas sabem ler e escrever, nenhuma das entrevistadas possui o nível superior, mas algumas responderam que querem cursar a Universidade e que não seguiram com os estudos por falta de oportunidade devido à necessidade de começarem a trabalhar muito jovens. Sobre a escolaridade, vejamos o gráfico 03 abaixo:

Gráfico 3: Marisqueiras conforme a Escolaridade

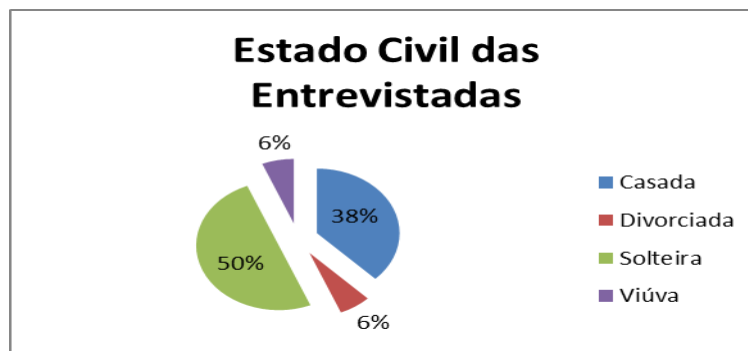


Fonte: Pesquisa direta, 2018.

Sobre o estado civil, 6% responderam que são viúvas, juntamente com 6% das que responderam que são divorciadas, 38% responderam que são casadas, e 50% responderam que

são solteiras. Algumas dessas mulheres que responderam como solteira tem companheiro, mas por não possuir união estável e nenhum documento legal que comprove a relação, optaram por responder solteira, conforme gráfico 04 abaixo.

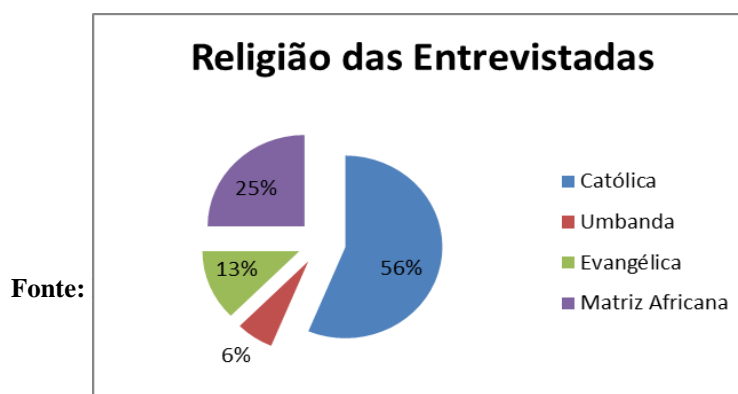
Gráfico 4: Estado civil das marisqueiras



Fonte: Pesquisa direta, 2018.

Quando questionadas sobre sua religião, 25% se declaram de matrizes africanas, 13% evangélicas, 6% umbanda e tendo como predominância 56% que se define católica, como pode ser visto no Gráfico 05 abaixo. Cabe destacar que cerca de 31% se declaram como Matriz Africana, quando se soma as que marcaram Umbanda. Isso é um elemento para destaque e representa a afirmação da identidade religiosa negra, certamente representa um misto de autoafirmação e pertencimento, mas isso precisa de mais estudos para confirmação ou negação. Esses dados podem ser vistos a partir do seguinte gráfico:

Gráfico 5: A religião das marisqueiras

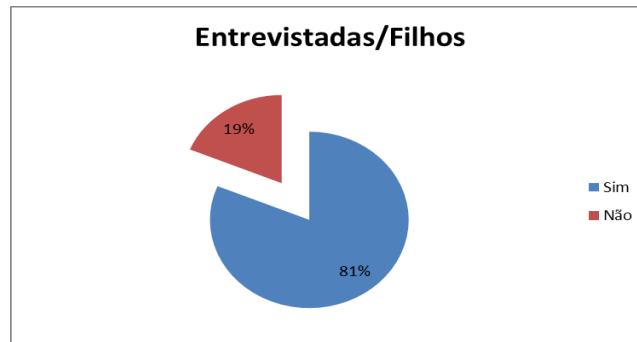


Fonte: a autora 2018

Sobre os filhos, 81% dessas mulheres são mães, na sua maioria tiveram filhos bem jovens, o percentual de 19% são as marisqueiras jovens que não tem filhos e responderam que não tem interesse em ter, conforme gráfico abaixo. Todavia, cabe ressaltar esse dado de 81% que tem filhos, ou seja, são mulheres que trabalham e ainda cuidam de seus filhos, o que deve implicar na ideia de dupla jornada (na rua e em casa), como sugerimos antes, obviamente que

a dupla jornada não ocorre apenas por ter filhos, pois muitas cuidam dos afazeres de suas casas também dado o contexto de uma sociedade machista.

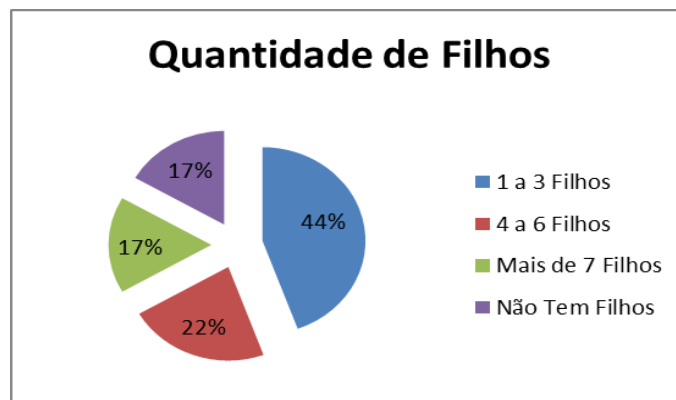
Gráfico 6: Porcentagem de marisqueiras que são mães



Fonte: Pesquisa direta, 2018.

Sobre a quantidade de filhos a predominância é 44% que têm entre 1 a 3 filhos, mulheres que tem mais de 7 filhos são 17% das entrevistadas, seguindo as mulheres que tem 4 a 6 filhos representam 22%, e, por último, os 17% das que optaram por não terem filhos, devido ao próprio trabalho que é desgastante, como uma trabalhadora relatou. Isso mostra que o perfil da mulher marisqueira está se modificando e evidencia também que são mulheres que devem ter um planejamento familiar já que cerca de 61% ou não tem filhos ou tem até 3 filhos. Os resultados se expressam da seguinte forma:

Gráfico 7: Quantidade de filhos das Marisqueiras

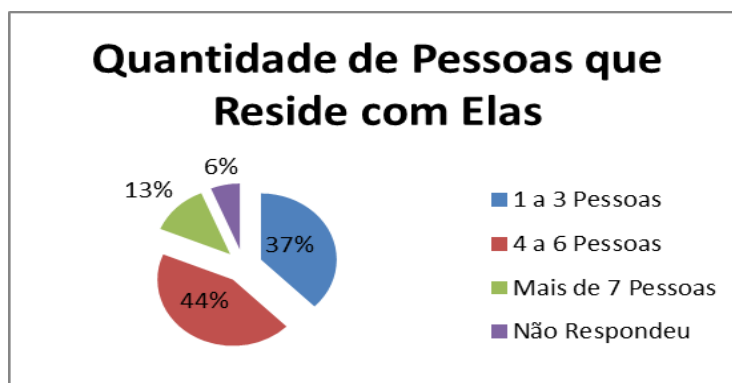


Fonte: Pesquisa direta, 2018.

Conforme as respostas dos gráficos 8 abaixo sobre a quantidade de pessoas que reside com entrevistada tem que 44% residem 4 a 6 pessoas nas suas residências, 37% convivem com 1 a 3 pessoas, 13% convivem com mais de 7 pessoas, e 6% não responderam. Esses

dados parecem indicar um arranjo familiar pequeno, o que também pode ser um indicador de planejamento familiar. Desta forma, o seguinte gráfico apresenta:

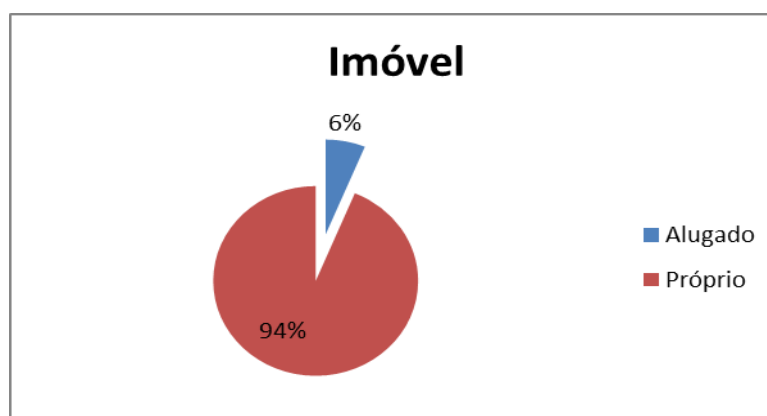
Gráficos 8: Pessoas que residem na mesma casa com as Marisqueiras



Fonte: Pesquisa direta, 2018.

No que se refere a moradia própria, 94% das entrevistadas residem em casa própria, apenas 6% vivem em casa alugada ou na casa de algum parente, ressaltando que algumas dessas marisqueiras possuem mais de um imóvel próprio, todos provenientes do trabalho com o marisco. Essa é outra informação que surgiu no questionário e depois em conversas que tivemos com as trabalhadoras e indica uma condição social menos degradada. A questão de possuir moradia própria é relevante, pois não irá incidir na renda que elas conseguem com o marisco o valor ou custo da moradia, podendo liberar a renda para atender outras necessidades, conforme o gráfico 9:

Gráfico 9: Sobre os tipos de imóveis.

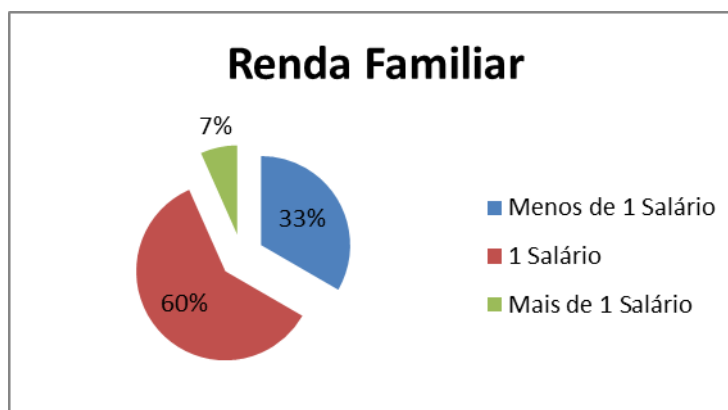


Fonte: Pesquisa direta, 2018.

Observando o gráfico 10 da sequência, conforme as respostas das entrevistadas, 60% recebem um salário mínimo, 33% dessas mulheres vivem apenas com menos de um salário

mínimo, e apenas 7% dessas mulheres recebem a cima de um salário mínimo, é o caso das viúvas e das aposentadas. Ou seja, esse indicador é bastante preocupante, pois revela a condição de vida das trabalhadoras e de suas famílias, que, apesar de terem casa própria, em sua grande maioria, mas ganham pouco com sua atividade, logo, parecem representar famílias de baixa renda, pois cerca de 93% ganham até 1 salário mínimo. Sabemos que o dado renda precisa ser relacionado com outros indicadores (como moradia, condições da casa, saúde e etc.) para entender a condição social, porém, conhecemos a realidade de várias dessas trabalhadoras pela convivência próxima que tive nas três últimas décadas e em conversas que fiz nessa pesquisa. Assim, acredito que são mulheres de baixa renda e de baixa condição social. Apesar de serem mulheres aguerridas e que lutam pela sobrevivência. Assim, a renda fica distribuída da seguinte forma no gráfico 10:

Gráfico 10: Renda familiar da Marisqueira

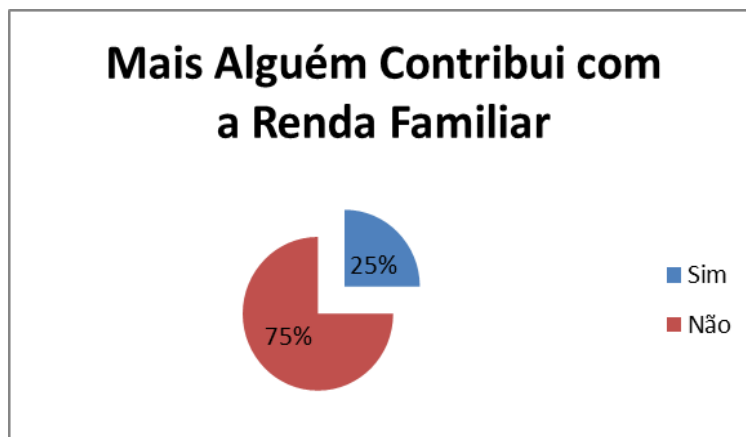


Fonte: Pesquisa direta, 2018.

Com relação à contribuição extra/familiar para o sustento da família, cerca de 75% das entrevistadas disseram que nenhuma outra pessoa contribui para sobrevivência da família e apenas 25% afirmaram que sim, que recebem outra ajuda financeira. Cabe relacionar essa informação com a quantidade de casadas, que chega perto de 50% das entrevistadas, mas que, ainda assim, a sobrevivência da família vem exclusivamente das mulheres e não dos homens – uma hipótese possível é que são homens desempregados na sua maioria, alguns são trabalhadores autônomos, como ajudante de pedreiro e não tem renda fixa. Portanto, as próprias mulheres relataram que a renda que garante o sustento de todos os dias provém da venda dos mariscos e algumas usam o que ganham apenas para si. Já as que têm participação familiar de outro membro da família no sustento, que são 25% delas, decorrem da contribuição dos seus maridos e outras são através de aposentadorias de algum familiar que

convive na mesma casa. Nota-se a importância do papel da mulher marisqueira como provedora das suas casas. Podendo ser visto a partir do gráfico 11:

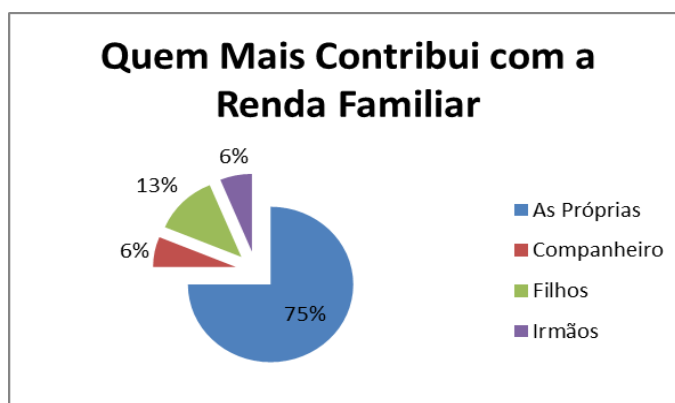
Gráfico 11: Participação na renda familiar da Marisqueira



Fonte: Pesquisa direta, 2018.

A divisão da renda familiar pode ser vista no gráfico 12 abaixo, em que nota-se que cerca de 75% das mulheres marisqueiras são responsáveis sozinhas pelo sustento familiar, 6% delas tem ajudar dos seus companheiros, 13% filhos e 6% dos irmãos, considerando que a maioria dos seus maridos são pescadores e que seus filhos também exercem a função de pescador, profissão passada por gerações, à grande diferença que a mulher marisqueira do Caquende, além de exercer a dupla jornada entre o trabalho da mariscagem e sua atividade doméstica, conseguem obter uma renda que lhe dar autonomia além de aumentar a renda da sua casa. Chama atenção a participação dos filhos na composição da renda familiar, isso mostra, inclusive, como a atividade que realizam é uma atividade de estilo familiar. O gráfico 12 expressa esses dados de maneira simplificada da seguinte forma:

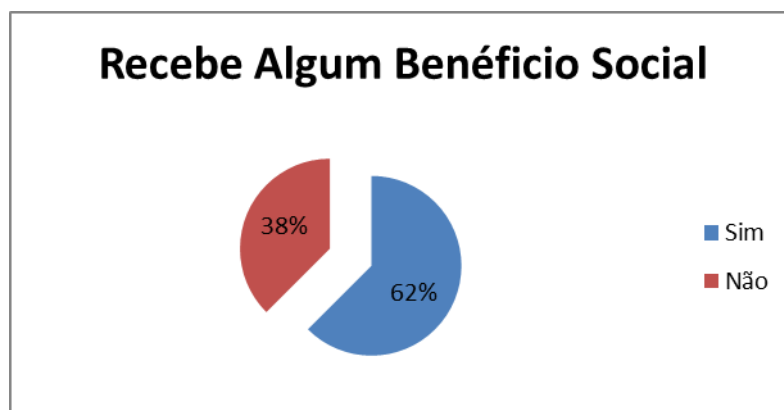
Gráfico 12: Quem contribui com a renda familiar



Fonte: Pesquisa direta, 2018.

De acordo com as respostas das entrevistadas sobre o benefício social a partir do gráfico 13, temos 62% recebem algum benefício social e apenas 38% responderam que não recebem. Conforme gráfico:

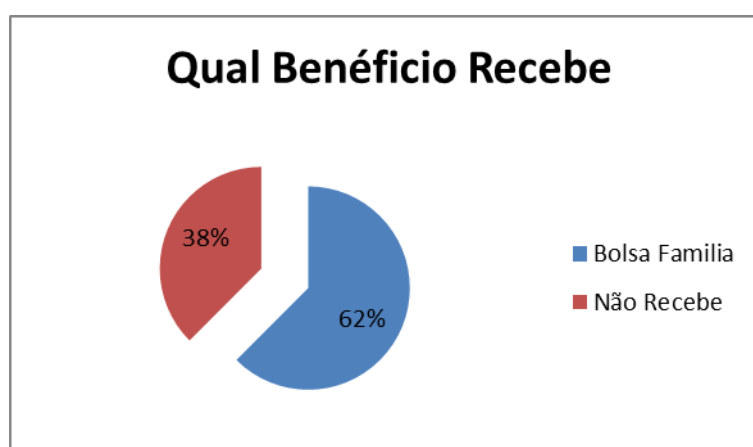
Gráfico 13: Benefício Social e Marisqueira



Fonte: Pesquisa direta, 2018.

Com relação à bolsa família, temos que 62% das mulheres recebem a bolsa família e apenas 38% não recebem, ressaltando que no período que recebem o seguro-defeso as mulheres que recebem a bolsa família tem esse benefício suspenso, isto ocorre duas vezes no ano, após passar o período do defeso elas retornam a receber o valor do programa bolsa família. Essa informação do Bolsa Família é muito relevante, pois é mais um indicador que reforça nossa hipótese de serem mulheres de baixa renda. Assim, vejamos o gráfico\14.

Gráfico 14: Bolsa Família e Marisqueira

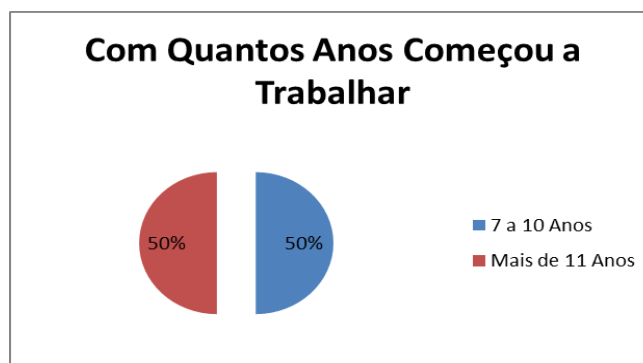


Fonte: Pesquisa direta, 2018.

As entrevistadas responderam que 50% iniciaram na atividade com até 10 anos, sem alternativas ou mesmo por imposição dos seus pais, que ainda na sua infância ensinavam-nas a profissão, não se tinham escolhas. E as outras responderam que começaram com mais de 11

anos de idade, mas todas responderam que começaram na infância. Essa questão do marcador antes ou depois de 10 anos surgiu a partir de diálogos que tivemos com as trabalhadoras antes de aplicar as entrevistas, elas já haviam indicado que o trabalho de marisqueira começa sempre quando criança e por volta de 10 anos. Muitas delas falam que começar cedo foi algo importante na vida delas (por ter sido um aprendizado para a vida), mas sabem que é também uma iniciação penosa e que se trata de um trabalho pesado. De acordo com gráfico 15 abaixo:

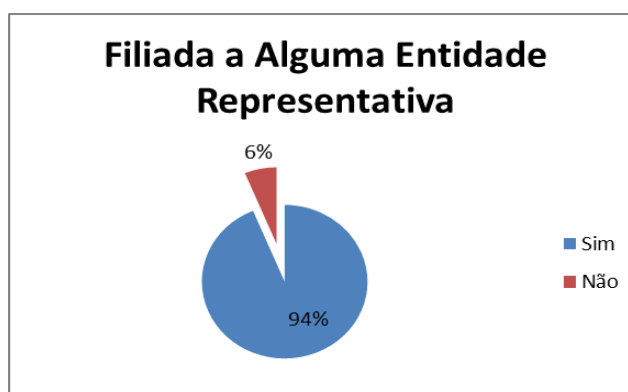
Gráficos 15: Iniciação na profissão de Marisqueira



Fonte: Pesquisa direta, 2018.

De todas as marisqueiras 96% são filiadas á colônia de pescadores, e apenas 6% que não são filiadas. São os casos das aposentadas, e algumas que ainda não se filiaram porque tiveram problemas com documentação. Representando os resultados através do gráfico 16:

Gráfico 16: Marisqueiras e filiação na Colônia de Pescadores



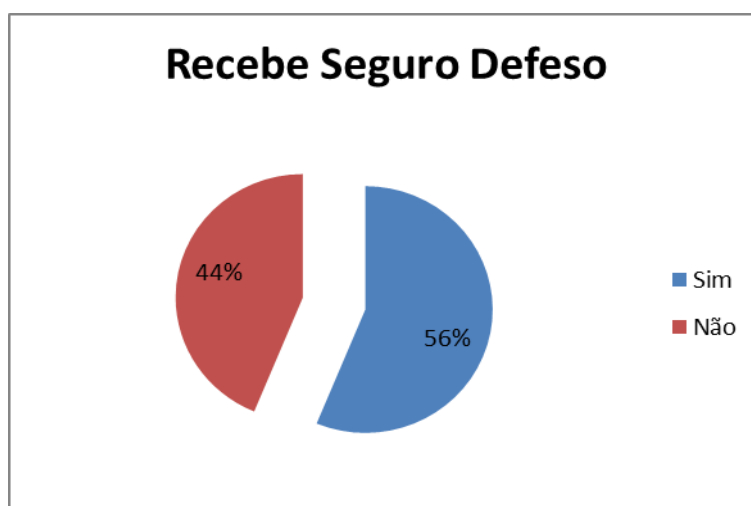
Fonte: Pesquisa direta, 2018.

Segundo as entrevistadas de acordo com gráfico 17, 56% dessas mulheres recebem o seguro e 44% não recebem o seguro-defeso (SD/DEFESO), que é um seguro desemprego do trabalhador pescador artesanal, no período da escassez das espécies marinhas, forma de preservar o ecossistema e ao mesmo tempo garantir a subsistência dos/as pescadores/as.

Acontecem duas vezes ao ano o pagamento de quatro salários mínimos nos períodos de maio a julho e setembro a novembro, os que não recebem o benefício, responderam que tem problema com a documentação, falta da filiação na colônia ou falta da carteira RGP (registro geral do pescador) para receber o seguro, são instrumentos para que o pescador esteja regularizado.

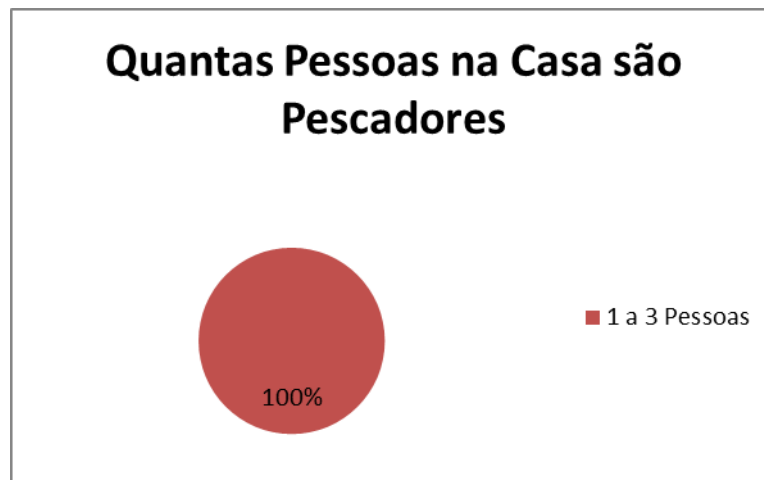
De acordo com as respostas das entrevistadas 40% se reconhecem como pescadoras e 60% como marisqueiras. Segundo as próprias marisqueiras para terem garantias dos seus direitos na lei n 11.959/2009 (política nacional de desenvolvimento sustentável da aquicultura da pesca) a atividade extrativista do marisco passou ser reconhecida como atividade da pesca, e as marisqueiras como pescadora artesanal. Desta forma, a mulher marisqueira é também uma pescadora, porém, essa autodenominação ainda é ambígua entre os trabalhadores, a grande maioria se reconhece sim como Marisqueira, porém alguns se dizem pescadoras e não marisqueiras. Percebi, nas entrelinhas da pesquisa, que muitas têm medo/receio de falar que são Marisqueiras, pois acham que isso poderá de alguma forma prejudica-las, mesmo existindo uma lei que garante a inclusão delas no Seguro-defeso. Desta maneira, o gráfico 17 apresenta que:

Gráfico 17: Marisqueiras e o seguro defeso



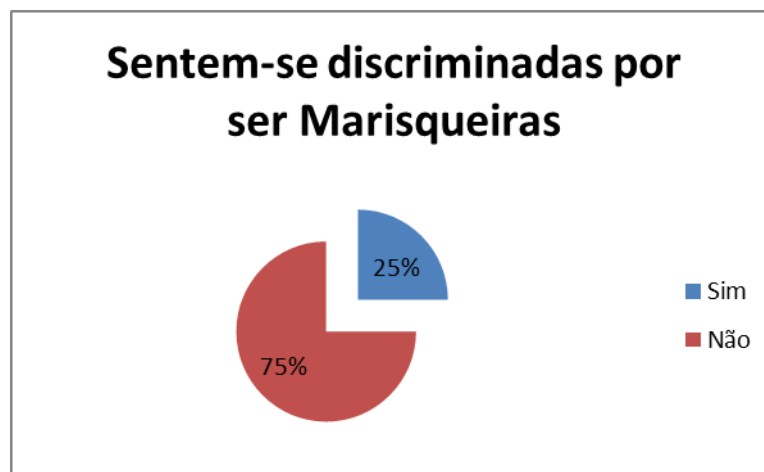
Fonte: Pesquisa direta, 2018.

De acordo com a resposta da pesquisa 100% dos moradores das casas das marisqueiras são pescadores, confirmando que a profissão é extremamente familiar, costumes e valores que são passados de geração para geração, além de alguns pescadores exercem outras funções, porém todos se reconhecem como parte desta categoria, portanto, nesse momento percebemos como trabalho, família, cultura e tradição se conectam fortemente.

Gráfico 18: Quantidade de pescadores em domicílio

Fonte: Pesquisa direta, 2018.

Quando questionada a respeito da discriminação 75% das entrevistadas disseram que não se sentem discriminadas, pelo contrário tem muito orgulho da profissão, mas 25% das entrevistadas disseram que sim, principalmente as mais jovens, que responderam:

Gráfico 19: Sobre se sentirem discriminadas por ser Marisqueiras.

Fonte: Pesquisa direta, 2018.

Além dos gráficos, que transcrevem os dados do questionário, pudemos também, através de outros instrumentos, coletar informações a partir das falas das entrevistadas, e ligado ao fato do preconceito, foi dito por uma das entrevistadas o seguinte:

Agora, todo mundo quer ser marisqueira e vem falar com a gente, mas antes se pudessem passavam do outro lado da rua, e falava esse povo só fedi a siri e olhava com nojo, hoje tem seguro-defeso, pode se aposentar em uma profissão, todo mundo que ser (Cátia, 2018).

Portanto, o preconceito e o estigma são elementos que perpassam o trabalho de Marisqueira e devem ser considerados para o melhor entendimento dessa realidade. Diz Goffman (1975, p.13): “O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo” e numa linguagem de relações e, não de atributos em si, ou seja, que sempre depende de outro ou de outros para sua existência. Não são coisas que existem em si, mas são coisas construídas em relações sociais e nas interações entre pessoas e/ou grupos. De acordo com os estudos de Melo (2000), estigmas para Goffman são “identidades deterioradas” por uma ação social, que representam algo mau dentro da Sociedade e, por isso, deve ser evitado e combatido.

Podemos perceber nas falas das entrevistadas para entender mais sobre esse processo de estigma da mulher Marisqueira:

“eu era chamada a filha da **catadeira de siri**” (Cátia)

“um dia foi ao restaurante em outra cidade, que eu vendia meu produto. Era meio dia, eu e a colega com fome, como o dono comprava na nossa mão, falei com ele vamos almoçar e o senhor abati nas vendas certo? Sentamos esperamos, e veio o almoço, pedi o suco, trouxeram o suco no **copo descartável, mas eu observei que todas as pessoas estavam sendo servida no copo de vidro**, taças, chamei o garçom e falei, por que ninguém me humilha e fica por isso mesmo. A colega que tava comigo não ligou, mas eu falei, o garçom chamou o dono e perguntei porque todos com copo de vidro só eu e a colega com descartável! Se meu dinheiro era diferente daquele povo? Por que meu trabalho era honesto, oh, resultado, ele teve que trocar e pediu desculpas, e nunca, mas voltei lá” (Andreia, 2018, grifo nosso).

“quando a gente vai ao INSS ou em outro locais que perguntam qual sua profissão? **A respondo marisqueira com muito orgulho! Às pessoas ficam me olhando por que estou com as unhas limpas e pintadas, roupa nova, cabelo peteado bem arrumada**, povo não acredita, por que marisqueira e quem fede a peixe e que anda suja, só que isso e coisa do passado eu ando arrumadas, cheiro de siri nunca mas, eu ando e cheirando a natura e boticário e com minha unhas limpas, que não está vendendo o siri e com roupa velha que diz se sou ou não sou marisqueira” (Margarida, 2018, grifo nosso).

Link e Phelan diz como ocorre o estigma: “As pessoas são estigmatizadas quando são rotuladas e ligadas a características indesejáveis, dando-lhes uma experiência de perda de status e discriminação” (LINK & PHELAN, 2001, p. 371).

As mulheres marisqueiras que passaram ou passam por esse tipo de situação relatam experiências desagradáveis, mas todas falam de forma incisiva e diz que não se importam mais com o passado, ou seja, seguem sua vida, mas a memória permanece viva. Certamente, essas mulheres ressignificaram a situação, mas ficaram com muitas marcas e cicatrizes difíceis de esquecer. Isto ficou notável na fala de algumas entrevistadas que por um tempo se sentiram excluídas porque “fediam” ao siri ou camarão, *mulheres estigmatizadas*.

Algumas perguntas abertas foram feitas também nas entrevistas que aplicamos e que serão demonstradas nas tabelas no próximo item, juntamente com as respostas.

3.2 Eu já nasci na lama

Neste tópico serão apresentados dados relacionadas as falas das entrevistadas. A escolha de demonstrar esses dados em forma de tabelas, parte da noção de facilitar para os leitores a compreensão dos resultados.

Reafirmado através das respostas das entrevistadas que a mariscagem é uma atividade familiar, que segundo suas falas se tornaram marisqueira por falta de oportunidade, e antigamente os pais ensinavam logo a pescar para ajudar nas despesas, que autonomia vem como consequência das lutas em que hoje já se tem leis e existe o reconhecimento da profissão como pescadora artesanal. A mulher marisqueira através do seu trabalho está conseguindo sobreviver e alcançando o seu espaço dentro de um espaço masculino.

Tabela 01: Motivo de iniciação na atividade de Marisqueira

Motivo	Quantidade	Percentual
Atividade familiar	11	55%
Desemprego/falta de oportunidade	09	45%
Total	20	100%

Fonte: Pesquisa direta, 2018.

Acerca deste questionamento responderam:

“mamãe vivia na maré morávamos perto do mangue, mamãe trabalhava no mangue papai era pescador, ali mesmo pária, então eu já nasci na lama, ali mesmo já aprendíamos desde sempre a pescar - risos” (Rosa, 2018).

“à falta de emprego que me levou para o marisco’. Mas a maré não é vida pra ninguém, estou nessa vida por que não tinha o que fazer, mas não quero que meu filho siga não, quero que ele estude, agora está bom, mas antigamente no inverno agente passava fome ou tinha que se virá com outra coisa, não tinha defeso” (Maria, 2018).

“me casei com pescador, não conseguia trabalho, ele trazia o peixe eu o ajudava á limpar, ele foi me ensinando. Tenho pouco tempo na área, 10 anos, sou filiada e para eu aposentar vai ser bom” (Cris, 2018).

“casei com pescador e, daí, comecei na atividade.” (Cleonice, 2018)

“morava com minha madrinha que já era marisqueira me ensinou desde criança, onde eu morava não tinha opção, aprendi a pescar na zona rural daqui” (Andreia, 2018).

A cerca das mudanças do processo de trabalho algumas entrevistada responderam:

“no começo não tinha defeso, a gente ia para maré de verão ao inverno” (Morgana, 2018).

“hoje mudou, melhorou financeiramente” (Íris, 2018).

“a falta do marisco foi o que aconteceu e cada dia mais diminui” (Hortência, 2018).

“muita mia fia, não se vai mais para maré catar sururu, ostra, tenho que comprar o siri, depois fervento e cato e, então, mudou tudo, não foi?” (Graça, 2018).

A tabela a seguir, representa em dados quantitativos, o que foi colhido através da entrevista qualitativa, instrumentos que foram utilizados para melhor se aproximar com a realidade das mulheres marisqueiras do Caquende.

Tabela 02: As Mudanças que ocorreram no processo de trabalho no início da profissão para os dias atuais:

Respostas	Quantidade	Percentual
-----------	------------	------------

Não houve mudanças	03	15%
Aumento das marisqueiras	03	15%
Diminuição dos mariscos	04	20%
Desvalorização do produto	03	15%
Os direito/defeso	05	25%
A valorização da marisqueira	02	10%
Total	20	100%

Fonte: Pesquisa direta, 2018.

Com todas as mudanças no processo de trabalho, se observa que a ferramenta tecnologia ainda é algo distante deste processo, à utilização de máquina de cartão ou de computadores para facilitar na organização (na organização dos custos, contabilidade e etc.), não se é utilizado, o processo ainda continua manual contando com o caderno de anotações e a mercadoria sendo vendida à vista ou o cliente dando a palavra do dia que pode pagar, este tipo de serviço ocorre nos restaurantes e com pessoas que elas já conhecem, quando vai para outras cidades a venda é sempre a vista.

Sobre seu afastamento da beira das marés as respostas dadas em entrevistas giravam em torno de falas como essas:

“Não tem marisco devido às águas da barragem” (Rita, 2018).

“Não tem o que pescar” (Jasmim, 2018).

“A população reclamando da sujeira e do fedor do marisco, não tem local para trabalhar, faz em casa ou catamos ou compramos temos que ficar dentro de casa” (Hortência, 2018).

“Sujeira a poluição da água, isso termina provocando doença, dá uma coceira no corpo” (Cleonice, 2018).

As entrevistadas expressam uma preocupação significativa com a questão da poluição do seu local de trabalho. Isso é de extrema importância, e deveria existir uma participação ativa dos órgãos públicos municipais para melhorar esta situação. Pois, além de ser um benefício para as marisqueiras, é acima de tudo para futuras gerações.

Tabela 03: Motivos para o afastamento da Beira da Maré:

Motivos	Quantidade	Percentual
A poluição e a barragem	06	30%
A falta de marisco	12	60%
A mudança de profissão	01	5%
A saúde.	01	5%
Total	20	100%

Fonte: Pesquisa direta, 2018.

Nos capítulos anteriores ficaram evidenciados que a poluição do rio e a barragem são os fatores que predominaram para o afastamento das marisqueiras e trouxeram prejuízos significativos.

De acordo com discursos das entrevistadas sobre o desaparecimento das marisqueiras da beira da maré, nota-se alguns dos motivos que elas apresentam para o sumiço e/ou transformação da atividade de mariscagem:

“Todo mundo hoje quer ser marisqueira por causa do defeso” (Tereza, 2018).

“Eu não tenho direito ao defeso já sou aposentada, mas não pela colônia no meu tempo não tina nada disso, me aposentei pelo problema de coração, pois fui desenganada pelos médicos, mas estou boa, fico doente quando não posso ir na maré, a **maré minha fia é minha vida(sic)**, eu ainda vou lá colocar umas iscas p pegar siri volto renovada” (Rosa, 2018, grifos nosso) .

“Hoje está tudo fácil ninguém vai na maré, vende em casa, recebi o seguro sem ficar fedendo (risos).” (Raquel, 2018).

“Eu adoeci e estou encostada, vivo a base de remédios, aí, não posso ir mais para a maré, mas quem quiser aprender, um dia desses desci fui no posto quando cheguei na maré tava dando mirim, que é um peixe que dá na lama peguei mais de 5 quilos, as meninas novas não querem ir, dizem que vão se sujar (risos)” (Raquel, 2018).

“Está aumentando, porém, está mais difícil agora se filiar, antes com 16 anos poderia se filiar agora sé com 18, é muito documento, não está fácil mais não (Hortência, 2018“.

Entre algumas falas e respostas se evidencia o aumento da categoria marisqueira, de acordo com as próprias falas das entrevistadas o seguro defeso proporcionou um aumento de mulheres nesta profissão. Hoje que pode ser chamada neste novo contexto de *marisqueiras urbanas*, mulheres com técnicas e costumes das marisqueiras tradicionais, porém em meio a

uma situação que poderia gerar seu desaparecimento, mas que terminam reconfigurando essa forma de trabalho e faz surgir uma nova categoria social, onde as mais velhas são conhecedoras das práticas que repassam suas técnicas, porém as *novas marisqueiras* absorvem e passam a modificá-la, um novo modelo de trabalho, outras características que tem aceitações e críticas. Essas considerações foram feitas através dos dados coletados e que estão expressos na seguinte tabela:

Tabela 04: Acham que os trabalhos das Marisqueiras estão desaparecendo? Por quê?

Resposta	Quantidade	Percentual
Aumentou depois do defeso	16	80%
As mas jovens não querem ir para maré.	02	10%
As condições de saúde	02	10%
Total	20	100%

Fonte: Pesquisa direta, 2018.

Quando as entrevistadas foram questionadas sobre o produto do pescador, que tem mais valor do que da marisqueiras, 100% das entrevistadas disseram que não, tudo é a mesma coisa, e que existem produtos comercializados pelas marisqueiras que custa mais caro do que o do pescador, portanto, que não existe essa hierarquia nos produtos em si. Outra característica diferiu da marisqueira tradicional quilombola do Iguape, existe uma valorização maior dos pescadores por estas (um respeito maior, provavelmente pelo respeito a tradição e cultura), as diferenças de gênero, já as marisqueiras do Caquende se diferem das marisqueiras quilombolas, pois ver diferenças entre o pescador e a marisqueira e nem mesmo relacionados aos produtos que são vendidos, o peixe do pescador e o marisco da marisqueira. Segundo Saffiotti (1987):

[...] a identidade social da mulher, assim como do homem é construída através de atribuições de distintos papéis ,que a sociedade esperar ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo. **A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe em que pode atuar o homem** (SAFFIOTTI, 1987, p. 08, grifo nosso).

Portanto, o fator gênero é um elemento definidor da situação do trabalho das mulheres marisqueiras e isso ficou evidente também no Caquende, os homens terminam definindo também qual o lugar da mulher, isso apareceu na própria fala das trabalhadoras. Enfim, são

relações que foram se cristalizando e não foram feitas as devidas problematizações a respeito dessa questão.

Entre as respostas todas sentem muito orgulho de serem marisqueiras, tudo que possuem em suas residências, canoas e motocicletas foram através do marisco. Outro fato é que as marisqueiras quilombolas têm direito aos empréstimos para comprar seus instrumentos de trabalho. As marisqueiras do Caquende possuem canoas e algumas são de seus maridos, que foram obtidas com o dinheiro da venda dos crustáceos. Mas a relação de determinação do homem nas marisqueiras do Caquende parecer ser maior. No Iguape as mulheres marisqueiras já alcançaram mais respeito e valorização. Isso é algo que ainda está por acontecer no Caquende, apesar da posição relevante que a mulher ocupa no sustento da família Marisqueira no Caquende, mas acho que é algo ainda em processo e para ser alcançado. As mulheres do Caquende por não serem beneficiadas na sua totalidade pelas políticas públicas, ainda assim com essas dificuldades, elas continuam exercendo suas funções e resistindo. Sobre as dificuldades encontradas – ligadas a compra do produto para revenda –, de acordo com as respostas das entrevistadas, tem:

“às vezes tenho que pegar dinheiro emprestado para pagar porque quando o produto não sai fica difícil termos que pagar quem nos vendeu” (Rosa, 2018).

“já comprei mais de quatro mil de mercadoria, os freezer cheio, saía para vender gastava com transporte, me cansava. Tem pessoas que me deve até hoje, quando pagava ao homem, quando eu olhava nem 150 tinha de lucro. Desistir de comprar, se tiver uma canoa desço e vou eu mesmo pescar, se não fico em casa agora, estava pagando para trabalhar, estou com vontade de largar a profissão quero estudar, ainda vou realizar meu sonho fazer uma faculdade” (Margarida, 2018).

Diferente da entrevistada “Margarida” que pretende um dia deixar a profissão, a marisqueira “Rosa” nos relatou que não vive sem maré, que é grata por tudo e que respeita muito as águas. Que já vivenciou muitas coisas, que aprendeu à profissão com seu pai, segundo a fala da entrevistada, pescador também é marisqueiro; que ela aprendeu tudo com o pai (aqui novamente parece a relação masculina no processo de ensino e aprendizagem) e ensinou a todos os filhos (meninos e meninas). Todos sabem tudo e se pegarmos uma canoas e descermos para Vitória e Nagé (vilarejos próximos), pode-se encontrar alguns homens exercendo a função de marisqueiro.

A marisqueira Rosa nos contou o seu dia de trabalho nas vendas e quando vai para maré são várias etapas, que só mesmo que tem coragem e técnica para enfrentar:

“acordo uma da manhã ou duas quando vou para as vendas, tenho medo de perder a hora, arrumo tudo no isopor levo as vasilhas tudo para dividir as porções, por volta de quatro até quatro e trinta o carro vem me buscar, retorno pela tarde faço isso muito tempo e gosto, pena que as vendas são fracas. Mas nos dias que estou em casa e fazendo o beneficiamento do produto e comprando e limpando e fervendo empacotando e congelando sempre temos o que fazer.”

“agora quando vamos para maré, temos que saber se a maré está cheia ou vazia eu já sei por respeito à maré, é ela que me conduz. Toda vez antes de entrar peço permissão, como aqui não tem marisco, pego o barquinho ou pela manhã cedo ou tarde o horário agente não define, minhas filhas vão comigo, primeiramente temos que passar um produto no corpo uma mistura azeite com óleo e querosene, por que tem muitos mosquitos que mordem e se nos picar arde agente não consegui trabalhar minha fia, o corpo fica todo empolado, eu levo água, facão, o povo usa blusão, chapéu para se proteger, não uso não, só o óleo e os apetrechos. Ficamos lá catando todos os tipos de marisco, para mim é mais difícil por causa da saúde e da idade e para as mais novas é que muitas não tem barco e isso dificulta a descida para outras águas, por que tem que alugar ou depender dos outros, é difícil” (Flor, 2018).

Percebe-se que a jornada dessas mulheres é exaustiva e é ainda pior para as mulheres que vão para maré. Foi relatado pelas entrevistadas que existem dias que precisam ir duas vezes, de acordo com a maré, é a natureza determina o horário. É cansativo porque precisa retornar para sua casa, e pela tarde retornar, arrumar tudo novamente. E percurso varia se for perto caçarão na Vitória de barco cerca de 50 minutos, se for andando cerca de duas horas ainda mais a diante ficam distante e o tempo percorrido será maior, pois são acompanhadas por seus apetrechos manuais como facão, gererés, camarãozeira, baldes, anzóis. É um trabalho desgastante até mesmo a forma de se posicionar por horas para retirar o produto de venda, a coluna e as pernas são as partes do corpo que mais sentem dores. E depois de catar o marisco, preparar, separar e levar para venda ainda ocorrem casos de desvalorização do produto. Muitas mulheres usam a baixa do preço como elemento para abandonar a catação direta do marisco, dizem que não compensa.

Segundo as entrevistadas é muito trabalho para pouco lucro, e as pessoas não valorizam mais e o trabalho como é árduo desde a captura até o beneficiamento. Que o cliente só tem o trabalho de cozinhar porque tudo é comercializado limpo, e para as marisqueiras que tem a possibilidade de pescar mesmo com todo trabalho do beneficiamento é mais lucrativo do que comprar dos atravessadores, pois o lucro é bem menor.

O *processo de trabalho* é constituído de várias etapas: o conhecimento da maré, a coletividade, saber quando pode ir para maré e quando deve voltar, o conhecer e o saber utilizar os seus “apetrechos” (saber a técnica), desde facção até remar uma canoa, ter técnica e manejo para conseguir extrair os crustáceos, saber pescar e ter conhecimento de que espécie pode ser capturada naquele período, tamanho certo, se tem qualidade para o consumo, seu beneficiamento como limpeza, fervura, catar, embalar, como desprezar as conchas dos crustáceos e a fase final de congelamento e vendas.

De acordo com Marx; Engel (1966):

“[...]os homens, ao desenvolverem sua produção material e seu intercâmbio material transformam também com esta sua realidade, seu pensar e os produtos do seu pensar. Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina sua consciência” (MARX; ENGELS, 1966, p.37).

Ou seja, para os autores a nossa atuação e transformação do mundo circundante gera processos que alteram a nós mesmos (processos materiais e abstratos), modificam nossa mente e cultura, portanto, o trabalho tem que ser concebido não apenas como algo objetivo, físico e/ou material, mas também como relação societal. Dessa maneira, acreditamos que o trabalho da marisqueira também está envolvido nessas relações sociais e culturais.

A marisqueira mais antiga na profissão e na idade do Caquende, dona “Rosa”, que tem 65 anos, nos relatos das experiências em sua vida e relatos da vida na maré, histórias que podem ser chamadas de *lendas da maré*:

“já passei por tantas coisas minha fia, mas a mãe d’água me protegia, você não acredita... mas creia em Deus não em mim vou te contar um caso que eu vi: eu não só não minha fia, muitos pescadores já viram também a mãe d’água. Desde quando sou nascida só vi um caso, três irmãos saíram não me lembro de que tempos foi esse mês ou outro não me lembro que vinham três irmãos o do banco sumiu minha filha, o do banco sumiu pegaram um temporão, até o dia de hoje isso não é conto da carochinha não conte do centenário tem cerca de 20 a 30 anos. Deste tempo só esse caso que sei que sumiu, nunca mais ninguém soube nada dos irmãos” (Rosa, 2018).

“eu peguei uma temporal que foi Deus certa feita sair para boca do rio eu Dá Gloria essa maré assim, esse tempo assim, mariscou e mariscou, o mundo empreteceu óh Dá Gloria! Vou embora o dia vai vir a noite vou embora, ela disse Dá Gloria Dá Gloria queria fumar e não conseguia ai nos saiu nem tomou banho

limpou o corpo e o braço é vem é vem, o facão tava na boca do corpo minha filha o vento e relâmpago e o ronco e o trovejo tava facheando teve uma hora que eu tava assim vi o raio vim assim no facão esses facão eu mais Dá Gloria tive que enterrar na areia pra chegar em casa, nós chegou em casa quase cinco horas toda molhada e tremendo quer que nós não chega. É muito perigoso, que vai fazer implorar a Deus e seguir em frente. Essas águas são minha mãe” (Rosa, 2018).

“aqui tem rampa, naquela rampa ali em baixo tem uma bacia grande toda verde cravejada cachos de rosa, em redor da bacia tem minha filha, nessa bacia meu filho era uma pipa tinha uma coisa dentro da bacia puxando ele puxando ele, na hora que ele ia cai, acordei chorando em planto, ele caiu na levada, Maria [mãe d’água] pegou se não ele tinha morrido” (Rosa, 2018).

“ali em baixo tem ponto um nicho que chama pedra santo Antônio, o mesmo que Bom Jesus da Lapa a mesma coisa de tem um pilão de pedra um pilão neste corpo da pedra da natureza, tem o nicho o nicho na pedra que povo faz coisas nos dias certo acende vela, coloca presente, tem um dia desse do mês, não sei que dia é! Que vai, vai, antes de você chegar nele, você ver daqui pra cima é minha fia. É minhas filhas não viram, mas minhas irmãs Liz, Safira, Tulipa, Cravo que é meu irmão, viram uma mão branca e vem assim do quebra bunda até lá santa cruz pelo o rio ai ela vem seguindo você ver! É uma mão branca apareci para todo mundo, não e só pra mim não, passou neste mesmo intervalo tem um peixe que ninguém pega e se você ver mão você não pega o peixe tu tá vendo o peixe e o robalo, ele sobe gimba e as costas tem esporão assim na mesma a hora ele tá aqui ela tá ali ninguém pega tu perde seu dia, todo mundo ver, tu crê?” (Rosa, 2018).

Segundo Jesus do Rosário (2010):

[...] há crenças de que as comunidades tradicionais estão, mas próximas da natureza e são motivadas por uma ética de conservação. Essa ética de conservação está, vejo eu, calçada nos paradigmas de imaginário, topofilia, relação sociedade versus natureza, visão holísticas, espiritualidade, afetividade, cultura ecologia social, entre outros [...] (JESUS DO ROSÁRIO, 2010, p. 7).

Mulheres protagonistas da história de suas vidas que possuem conhecimento próprio, grande respeito ao ecossistema, as suas tradições e cultura, que mesmo perdendo seus espaços e todas as dificuldades encontradas devido às transformações realizadas pelo homem, permanecem exercendo suas atividades. Pois de acordo com os gráficos, tabelas e as

entrevistas foi possível notar que a mulher marisqueira urbana do Caquende é a provedora de seu lar, tendo um papel importante na economia do seu bairro e da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O desenvolvimento do presente trabalho possibilitou abordar o percurso histórico sobre a cidade de Cachoeira – BA e sobre o bairro Caquende, local que ocorreu a pesquisa e onde as mulheres marisqueiras (objeto de pesquisa) praticam suas atividades. Foi possível um entendimento sobre o surgimento do pescador e da marisqueira no bairro e no Recôncavo. A partir das observações feitas no campo foi possível também compreender o cotidiano das mulheres marisqueiras do Caquende, o trajeto desde o beneficiamento até a comercialização do marisco, os relatos sobre o *conhecer da maré*, suas histórias e lendas e através do manuseio dos “apetrechos” (como elas costumam dizer) foram observadas todas as práticas das atividades do trabalho da extração do marisco, que foram analisadas logo após as entrevistas. Foi possível, dessa maneira, uma compreensão ampliada que evidenciou que muitos foram os fatores significativos para o afastamento das mulheres marisqueiras em frente à maré.

A proposta agora é tentar retomar um pouco do que discutimos ao longo da pesquisa e colocar alguns achados que alcançamos, bem como relatar problemas e possibilidades encontradas, que poderão, talvez, servir de base para novas pesquisas e investigações.

A necessidade de uma reflexão sobre as questões sociais e econômicas das marisqueiras do bairro foi de grande relevância já que através das respostas das entrevistas ficou evidente que essas mulheres se *tornaram marisqueiras* ou permaneceram nesta atividade por falta de oportunidade no mercado formal, bem como por seguir uma orientação familiar, mas que sempre estavam marcadas pela baixa condição econômica da família. Logo, a entrada na atividade de pesca do marisco, assim como sua continuidade tem relação direta com a questão financeira.

O processo de trabalho da mariscagem no Recôncavo é uma atividade que está ligada ao trabalho feminino, e no bairro do Caquende ficou evidenciado que a mulher marisqueira é a provedora do lar (no aspecto financeiro), pois são elas, quase sempre, que garantem a renda e o sustento dos seus familiares, e como vem ocorrendo a diminuição dos mariscos, elas procuram outros meios para conseguir subsidiar a renda familiar como comprar na mão dos pescadores ou dos chamados *atravessadores*, por um preço maior, menos lucrativo de fato, mas foi a forma encontrada de permanecer na atividade da pesca.

Cabe ainda destacar sobre a questão da mulher e do gênero nesse processo é que, apesar de ser uma atividade taxada como feminina, mas ficou explicitado nas falas de muitas entrevistadas que a atividade do Marisco em si tem sua origem no homem e na mulher e que,

muitas vezes, ela vem sendo ensinada pelos próprios homens para suas filhas e esposas. Ou seja, isso é revelador, pois derruba a ideia de que é uma prática (um trabalho) que precisa de algum atributo exclusivo feminino. Ao contrário, qualquer pessoa pode executar essa atividade. A questão é que historicamente e socialmente veio sendo reservada a mulher a prática do marisco, obviamente que isso precisaria ser melhor investigado, mas talvez passe por um processo de subordinação ou inferiorização. Isto é, como a Mariscagem envolve o estigma do odor de siri, do cheiro da lama (resultante do contato com o mangue para extração do crustáceo), talvez os homens, por historicamente se acharem “superiores”, terminaram relegando a atividade que gera estima para as mulheres para que não recaísse sobre si essa marca social. Mas isso é uma hipótese que levantamos na pesquisa e precisará de novas reflexões.

Foi possível compreender vários aspectos e implicações que envolvem as relações de gênero nessa atividade, as diferenças entre o pescador e a marisqueiras, são diferenças que permeiam por séculos, mesmo a mulher marisqueira com uma dupla jornada de trabalho permanece, quase sempre, na invisibilidade, diferente do homem pescador que é valorizado. De acordo com Martins (2008, p.73):

O trabalho feminino na pesca artesanal é bastante desvalorizado no Brasil, tanto pelas questões ligadas ao gênero como pela ordem estrutural, de proteção ao trabalho feminino, política de financiamento, geração de emprego e renda.

Nesta categoria da pesca artesanal as diferenças de gênero é algo que permeiam gerações, uma profissão de origem masculina. Outras questões foram as ambientais, que influenciaram fortemente para o desaparecimento dos mariscos e das mulheres marisqueiras da frente da maré no Caquende. Essas transformações ocorridas no meio ambiente desencadearam sobremaneira as mudanças do processo de trabalho da mulher marisqueira, além disso, no geral, as condições precárias de trabalho, a desvalorização da atividade, as doenças relacionadas ao trabalho e o estigma sofrido por essas mulheres foram elementos que proporcionaram as mudanças neste processo de trabalho, que dentro desses desafios, ainda assim, trouxe o surgimento de uma nova categoria, no caso das Marisqueiras Urbanas.

O perfil dessas mulheres está se diferenciando, pois estão ocorrendo grandes transformações, que seja por falta do marisco ou até mesmo desinteresse das mulheres mais antigas, as próprias filhas ou netas das marisqueiras dão segmento na profissão. Apesar de que

por conta da exclusão social que muitas já passaram, preferem que suas filhas não deem segmento à profissão, que busquem outras oportunidades como cursar a universidade.

Mulheres que nasceram na *maré*, que aprenderam com seus pais esta profissão, permanecem invisíveis, a população não reconhece as mulheres do Caquende como marisqueiras, apenas são reconhecidas as marisqueiras da Bacia do Iguape e do São Francisco, que são regiões próximas de Cachoeira, por pertencerem a comunidades ribeirinhas e serem quilombolas. Por essas questões de invisibilidade social, surge a necessidade da pesquisa, o que terminou sendo de extrema importância dar visibilidade as mulheres marisqueiras do bairro do Caquende, trazendo a inquietação por saber que as políticas sociais garantem direitos as marisqueiras quilombolas, sendo assim, as mulheres do Caquende também precisam ser vistas da mesma forma e serem inseridas em políticas sociais que as favoreçam, que todas possam ter a ampliação de direitos e melhorias sociais. No geral, essas mulheres são negras em sua grande maioria e, assim, poderiam também ter um apoio para seu fortalecimento cultural, econômico e social.

Através das observações do cotidiano das marisqueiras notou-se uma nova categoria de trabalhadoras as *marisqueiras urbanas*, mulheres com profundo conhecimento sobre a *maré* e o ecossistema, mas devido às transformações dos seus espaços de trabalho foram obrigadas a modificar suas formas de atividades de extração do marisco e vivem entre a cidade e a *maré*. Algumas mulheres tem que se dirigir de barco para outras localidades para catar os mariscos, outras que não tem barco próprio ou que preferem não entrar na *maré*, trabalham apenas com a limpeza e com a comercialização dos crustáceos.

A entrevista oral terminou sendo fundamental nessa pesquisa e possibilitou uma percepção das vidas das mulheres marisqueiras e pôde se fazer uma relação entre as gerações que possuem opiniões bem diferentes, que em algum momento da entrevista, em algumas casas que possuem três ou mais marisqueiras com idades diferentes, foi possível perceber as diferenças entre elas. Algumas vezes fizemos conversas conjuntas com 3 gerações de mulheres do marisco (avó, filha e neta). Isso em si foi crucial para um entendimento longitudinal do processo de trabalho e dos sentidos do trabalho sob a perspectiva do lugar que ocupa no arranjo familiar e na cultura local.

Foi bem relevante, por fim, desenvolver essa pesquisa, pois demonstrou relatos que pontuaram histórias de vidas dessas mulheres trazendo possibilidades de se pensar em uma nova categoria de trabalho que já existe a um certo tempo, mas que está (ou estava) invisível e que necessita de reconhecimento como categoria de trabalho, além disso que seja valorizada em todos aspectos sociais, econômicos e culturais e que seja, acima de tudo, reconhecida

como protagonista de sua história e como membro participante da manutenção/conservação do meio ambiente e das relações sociais correlacionadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALMEIDA, Maria Geralda de. **Desenvolvimento turístico ou desenvolvimento local? Algumas reflexões**, Curitiba, anais do VIII ENTBL, 2004.
- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**. 6ª edição. São Paulo. Boi Tempo Editorial (coleção mundo do trabalho), 2002.
- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre afirmação e a negação do trabalho**. 2 ed. 1 reimp. São Paulo: boi tempo, 2009.
- AZEVEDO, Paulo Ormino de. **Recôncavo: território, urbanização e arquitetura**. In: CAROSO, Carlos.; TAVARES, Fátima.; PEREIRA, Claudio. (Org.). *Baía de Todos os Santos: aspectos humanos*. Salvador: EDUFBA, 2011.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdos**. Lisboa, edições 70, LTDA, 1977.
- BRASIL, ESCOLA. **Euforização**. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/biologia/eutrofizacao.htm>>. Acesso em 20 de agosto de 2018.
- CONTRADIÇÕES SOCIOAMBIENTAIS NA RESERVA EXTRATIVISTA MARINHA DE CURURUPU-MA**. Disponível em: <http://abep.org.br/xxencontro/files/_paper/668-727.pdf>. Acesso em 18/07/2018.
- CACHOEIRA – CIDADE HERÓICA DA BAHIA. **A cidade afogada (2013)**. Disponível em: <<http://cachoeiradabahia.blogspot.com/2013/02/a-cidade-afogada.html>>. Acesso em 25 de agosto de 2018.
- CRENSHAW, kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativo aos gêneros**. Revista estudos feministas, Florianópolis, v. 10, n. 1 jan. 2002.
- CASSETI, Valter. **Ambiente e apropriação do relevo**. São Paulo: Contexto, 1991.
- Decreto da Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/CCIVil_03/Decreto-Lei/Del0025.htm>. Acesso em 03 de agosto de 2018.
- DEMO, P. **Pesquisa e construção de conhecimento – metodologia caminho de Habermas**. Tempo brasileiro, Rio de Janeiro, 1994.
- DIEGUES, Antônio Carlos Sant’Ana. **O mito moderno da natureza intocada**. 5ª ed. São Paulo: Hucitec/Nupaub/Usp, 2004.
- DIEGUES, Antônio Carlos Sant’Ana. **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar**. São Paulo: ática 1983.
- DIERKS, hermann. **Ökologischer maxistische onkologie**. köln: vsp- verlag, 1998.

DURÃES, Bruno José Rodrigues. **“Camelô de tecnologia ou camelô global”**: novas formas de expansão do capital./ Campinas, SP: [S.N], 2011.

FILHO, Walter Fraga. **Encruzilhadas da liberdade. História de escravos e libertos na Bahia** (1870-1910). Campinas: Editora da Unicamp, 2006. ISBN 85-268-0741-2, 368 p.

FONSECA, João José Saraiva Da. **Metodologia da pesquisa científica**. Ceará: Universidade Estadual do Ceará, 2002.

FERRATER-MORA, J. (1986) **dicionário de filosofia** (vols.1-4), Madrid; Alianza.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: atlas, 2007.

GODINHO, Luís Flavio Reis. **Um mosaico de classe: a terceirização na Refinaria Landulfo Alves**. 2003. 180 f. dissertação (mestrado em programa de pós graduação em ciências sociais).

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Marcia Bandeira de Melo Leite Nunes (trad). Rio de Janeiro: LTC. 1975.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina f. Bittencourt. 11 ed. Campinas: papiros, 2001.

GOVERNO DO BRASIL. 2018, disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/editoria/emprego-e-previdencia/2018/08/seguro-defeso-saiba-quem-tem-direito-e-como-solicitar-o-beneficio>>. Acesso em: 14 de agosto de 2018.

HORTELLANI, M. A. et al. **Avaliação da contaminação por elementos metálicos dos sedimentos do estuário Santos São Vicente**. Quim. Nova, São Paulo, v.31, n1, 2008.

IBGE. Disponível em: < <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/>>. Acesso em 18/07/2018.

IRIGALBA, Ana Carmem. **A prática da ecologia social: a necessidade de integrar o social e o ecológico**. In: Gómez, José Andrés Domingues: Aguado, Octavio Vasques; Perez, Alejandro Goana, *Serviço social e meio ambiente*. São Paulo: Cortez, 2007.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2010**. Disponível em < <http://www.censo2010.ibge.gov.br>>. Acesso em: 29 de julho de 2018.

ICMBio. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/o-que-fazemos/consultas_publicas/estudo_socioambiental_resex_arapiranga_tromai.pdf>. Acesso em 18/07/2018.

JUSBRASIL. Disponível em: <www.jusbrasil.com.br/topicos/10648364/artigo-215-da-constituicao-federal-de-1988>. Acesso em 18/07/2018.

- LAKATOS, Em; Marconi, M de A. **Fundamento da metodologia científica**. 6º edição. 5 reimp. São Paulo: atlas, 2007.
- LEVIN, J.; Fox, J. A. **Estatística para ciências humanas**, tradução de Alfredo Alves de Farias, 9º edição. São Paulo: pretehall, 2004.
- LITTLE, Paul. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: antropologia da territorialidade**, Brasília: UNB, 2002.
- LODI, J. B. **A entrevista: teoria e pratica**. Ed. São Paulo, pioneira, 1974.
- LOUREIRO, C. F. B. **Sustentabilidade e educação: um olhar da ecologia política**. São Paulo Cortez, 2012.
- MARQUES, Francisca. **Educação Comunitária como Prática de Etnomusicologia Aplicada: Reflexões sobre uma Experiência no Recôncavo Baiano**. Rev. USP n.78 São Paulo jun./ago. 2008.
- MARTIUS, Von, SPIX, Von. **Viagem pelo Brasil-1817-1818**. Vol. II. 1981. Itatiaia, belo horizonte.
- MATTOSO, Kátia Maria Queirós. **Bahia - Século XIX: Uma Província no Império**. 2ª edição. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1992, pp. 45 e 46.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômicos- filosóficos**. 2. Ed. São Paulo: abril cultural (os pensadores) 1978.
- MARX, Karl. **O capital**, livro 1, volume1, civilização brasileira, rio de janeiro 1968.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich [1848]. **Manifesto do partido comunista**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- MARX, K; ENGELS, F. (1998). **O manifesto comunitário de janeiro: paz e terra**.
- MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia Alemã (Feunebach)**, São Paulo: hucitec. 1996.
- MELLO, Francisco José. **História da cidade de Cachoeira**. Cachoeira: Radami, 2001.
- MEUS SERTÕES**, 2018, Disponível em:
<http://www.meusserto.es.com.br/2018/03/21/7512/>. Acesso em: 15 de agosto de 2018.
- MINAYO, Maria Cecilia Souza. **O desafio do conhecimento**, 11º edição. São Paulo: hucitec, 2008.
- MINISTÉRIO DA PESCA E AQUICULTURA**. Disponível em: <
https://www.google.com.br/search?ei=WbF4W_SZCIaHwgSLubXQDg&q=ministério+da+pesca+e+aquicultura+2017&oq=ministério+da+pesca+e+aquicultura >., Acesso em 18/07/2018.
- NASCIMENTO, Cacau. **Laudo Arqueológico da zona do Caquende e Entorno**. Cachoeira. 2000. CEAO/Edufba. Salvador.

OLIVEIRA, Neusa Maria; **Rainha das águas e dona do mangue: um estudo do trabalho feminino no ambiente marinho.** Rev. Brasil Estudos Pop, Campinas, 10 (1/2) 1993.

PESCA AMADORA. Disponível em: <<http://www.pescamadora.com.br/tag/ministerio-da-pesca/>>. Acesso em 18/07/2018.

PHILIPS Júnior; Malheiros, T. T. **Saneamento e saúde pública: integrando homem e ambiente.** In: *saneamento, saúde e ambiente: fundamentos para um desenvolvimento sustentável.* Barueri: MANOLE, 2005.

PINHO, Wanderley. **História social da cidade de Salvador; aspectos da história social da cidade.** 1540-1650. Tomoi. Prefeitura Municipal de Salvador, 1968.

POLIT, D. F; Beck, C. T; Hungler, B. P. **Fundamento de pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação e utilização.** Trad de Ana Thorell. 5ª edição. Porto Alegre: Artemed, 2004.

RAMOS, D. **O quilombo e o sistema escravista em Minas Gerais no se XVIII.** In: Reis, J, J.; Gomes, Flávio dos S. (org.). *Liberdade por um fio: histórias de quilombos no Brasil.* São Paulo: companhia das letras, 1996.

VOVÓ DO MANGUE. Disponível em: <<http://vovodomangue.org/site/quem-somos/>>. Acesso em 25 de agosto de 2018.

APÊNDICES:**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Título da pesquisa: Entre o surgimento e a permanência das mulheres marisqueiras de Cachoeira-Ba.

Instituição responsável: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia UFRB – Curso de Serviço Social.

Eu declaro que estou ciente da minha participação na pesquisa com o título acima citado que tem como objetivo principal avaliar as mudanças das mulheres marisqueiras do Caquende no processo de trabalho.

A minha participação será registrada através da aplicação de um questionário, fotos e filmagens. Fica acordado que a minha identidade será inteiramente preservada e que as informações por mim fornecidas serão exclusivamente utilizadas para fim de pesquisa científica. Os resultados do estudo serão divulgados em congresso, publicações científicas e ou publicações de modo geral.

Estou ciente que se trata de uma atividade voluntária e que a participação não envolve remuneração. Tenho total liberdade de não responder a determinadas questões, tirar dúvidas durante o processo de estudo, excluir do material da pesquisa informação que tenha sido dada ou desistir da minha participação em qualquer momento da pesquisa, exceto após a publicação dos resultados. Também posso recusar este consentimento, informando aos pesquisadores, sem prejuízo para ambas as partes a qualquer momento que eu desejar.

Após ter lido e discutido com a pesquisadora os termos contidos neste termo de consentimento livre e esclarecido, concordo em participar da pesquisa. A minha participação é formalizada por meio da assinatura deste termo.

Bairro do Caquende, Cachoeira-Ba, ____/____/2018.

Participante – assinatura: _____

Nome completo: _____

Pesquisador – assinatura: _____

Nome completo: ANA PAULA DE MATOS BARBOSA

**QUESTIONÁRIO DAS
MARISQUEIRAS DA FACEIRA E
CAQUENDE-BA**

- 1. Nome:**
- 2. Idade:**
 - 22 a 29 ()
 - 31 a 39 ()
 - 42 a 48 ()
 - 50 a 53 ()
 - 60 ou mais ()
- 3. Religião:**
 - Católica ()
 - Umbanda ()
 - Evangélica ()
 - Matriz africana ()
- 4. Cor da Pele:**
 - Negra ()
 - Parda ()
 - Branca ()
- 5. Estado Civil:**
 - Casada ()
 - Solteira ()
 - União Estável ()
- 6. Escolaridade:**
 - primário/moral ()
 - Primeiro grau incompleto ()
 - Ensino médio incompleto ()
 - Ensino médio completo ()
- 7. Tem filhos:**
 - Sim () Não ()
- 8. Se sim, quantos?**
 - 1 a 3 () 4 a 6 () mais de 7 ()
- 9. Quantas pessoas residem com você?** 1 a 3 () 4 a 6 () mais de 7 ()
- 10. Tipo de imóvel:**
 - próprio ()
 - alugado () cedido ()
- 11. Qual renda mínima da família?**
 - menos de 1 salário ()
 - 1 salário ()
 - 1,5 salário ()
 - 2 salários ()
 - outros ()
- 12. De quem provém a renda principal da família?**
 - Mulher () Companheiro () ambos ()
- 13. Mais alguém da casa contribui com a renda familiar? Sim () Não ()**
- 14. Se Sim, quem?**
- 15. Recebe algum Benefício Social?**
 - Sim () Não ()
- 16. Se Sim, qual?**
 - Bolsa Família ()
 - Benefício de Prestação Continuada () Outro () _____
- 17. Com quantos anos começou a trabalhar como Marisqueira?**
 - 7 a 10 anos () mais de 11 anos ()
- 18. Você é filiada a alguma entidade representativa? Sim () Não ()**
- 19. Se Sim, qual?**
 - Cooperativa () Associação ()
 - Colônia ()

20. Recebe Seguro-Defeso?

Sim () Não ()

21. Quantas pessoas da sua casa são pescadoras/res?

1 a 3 () 4 a 6 () 7 ou mais ()

22. Quantos anos você tem nessa profissão?

23. Quais os motivos que influenciaram a você se tornar marisqueira?.....

.....
.....
.....
.....

24. Você percebeu houve alguma mudança no processo de trabalho do início da profissão para os dias atuais? E quais mudanças?.....

.....
.....
.....
.....

25. Quais os prováveis motivos pelo afastamento de vocês da/na beira da mare?.....

.....
.....
.....

26. Comprar o produto na mão de terceiro é mais lucrativo?.....

27.
.....
.....
.....

28. Você se sente discriminada como marisqueira? Por quê?.....

.....
.....
.....
.....

29. Você percebe que o produto do pescador tem mais valor no comercio do que das marisqueira? Quais seriam esses motivos?.....

.....
.....
.....
.....

ANEXOS:

Fotografias (*Fonte: Cleonice Gonçalves, acervo pessoal*) do bairro Caquende, rio Paraguaçu, pescadores e produtos de vendas:



